

REFORMA AGRÁRIA

Inicia a lavração na Annoni, mas Incra diz que não há terra suficiente

Páginas centrais

Pesquisa mostra situação das indústrias de óleos vegetais no Estado

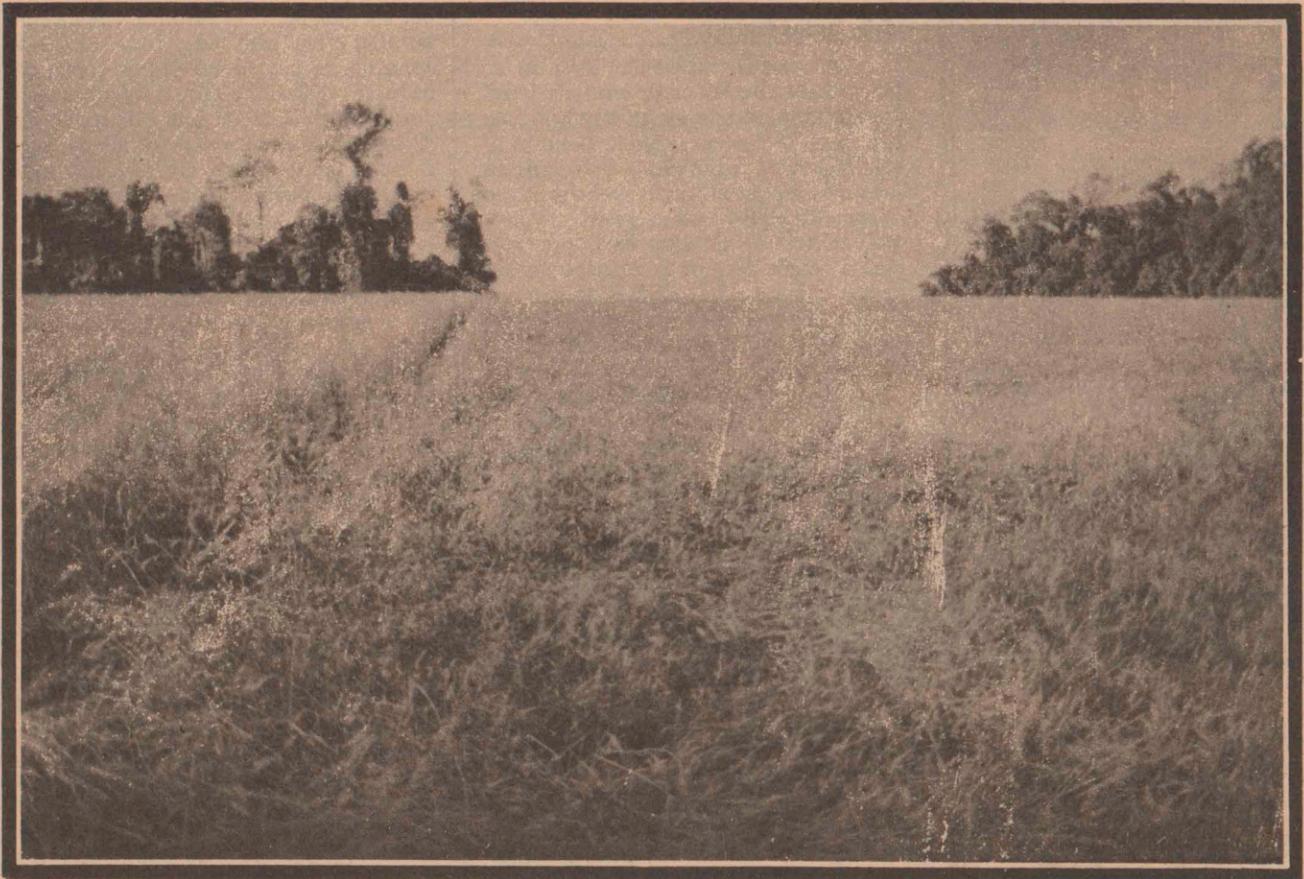
Página 12

Lavoura de verão

CRÉDITO MINGUADO

Atraso na liberação dos recursos leva os produtores a dar início ao plantio da lavoura de verão sem ver a cor do dinheiro

Páginas 4 e 5



As perdas no trigo

Chuvvas causam prejuízos superiores a 20 por cento

Página 6

COOPERATIVA REGIONAL TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513 Cx. Postal 111
Ijuí, RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA N.º 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente:
Oswaldo Olmiro Meotti
Vice-presidente/Pioneira:
Celso Bolivar Sperotto
Superintendente/Pioneira:
Antoninho Boiarski Lopes
Vice-presidente/Dom Pedrito:
Tânio José Bandeira
Superintendente/Dom Pedrito:
Valter José Pötter
Vice/MS:

Nedy Rodrigues Borges
Superintendente/MS:
Lotário Beckert

Conselho de Administração (Efetivos):
Luiz Neri Beschoner, Oscar Otto Hoerle, Euclides Marino Gabbi, Antônio Bandeira, Ido Max Weiller, Paulino Ângelo Rosa, Irani dos Santos Amaral, João Santos da Luz, Luiz Parizotto, Remi Bruno Eidt, Krijin Wielemaker, Ivo Vicente Basso, Paulino Stragliotto, Wagner Monteiro Sá, Oscar Vicente Silva, Suleiman Guimarães Hias e Ademar Luiz Comin.

Suplentes:
José Ataídes Conceição, Pedro Giotto, Cláudio Luiz de Jesus, Emílio Uhde, Jorge Alberto Sperotto, Protasio Lottermann, Álvaro Rutili, Aquilino Bavaresco, Arnaldo Hermann, João Eberhardt, Mário Alberto Krüger, Cláudio Pradeia, Noé da Silveira Peixoto, Omar Cunegatti, Florício Barreto, Leonildo Anor Potter e Cândido de Godói Dias.

Conselho Fiscal (Efetivos):
Antenor José Vione, Antonio Cândido da Silva Netto e Valdeci Oli Martinelli.

Suplentes:
Valter Luís Driemeyer, Luiz Anildo Brum, da Costa e Flori José de Pelegrin.

Diretores contratados:
Rui Polidoro Pinto, Orlando Romeu Etgeton, Ari Zimpel, Clóvis Roratto de Jesus, Vilmar Hendges, Paulo Roberto da Silva e Walter Frantz.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbu	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	91.000 t
Maracaju - Sede	65.000 t
Maracaju - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	25.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Guaíba	42.500 t
Ponta Porã	29.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 15.000 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da



REDAÇÃO

Dária C. Lemos de Brum Lucchese
Carmem Rejane Pereira

CORRESPONDENTES

Mato Grosso: Carlos José Rupp Bindé
Dom Pedrito: João Roberto Vasconcelos
Porto Alegre: Raul Quevedo
Composto no Jornal da Manhã de Ijuí e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

AO LEITOR

Pois parece que, de uns anos para cá, a sorte meio que deixou o produtor de lado, sempre que se fala em safra agrícola. No verão, a seca fez o que pode de estragos nas lavouras de verão. Nessa safra, quando tudo indicava que os produtores iam colher a melhor safra de trigo dos últimos anos, vem uma chuva danada e quase transforma uma grande colheita em mais um desastre. Mesmo assim, embora muitos acreditem que tudo não passou de mais um grande susto, as perdas nas lavouras de trigo, cevada, alho, aceia e lentilha estão sendo consideradas significativas. No trigo, as perdas deverão ser superiores a 20 por cento em toda a área de atuação da Cotrijuí, Regional Pioneira. Os prejuízos das chuvas que caíram no final do mês de outubro e início de novembro e depoimentos de alguns produtores, mostra até ontem foram os estragos. Páginas 6.

Após longa espera, os colonos sem terra acampados na Annoni começam a lavar 700 hectares de terra, onde poderão cultivar alguns produtos da safra de verão, como o milho, a mandioca e o feijão. Também os afogados do Passo Real ocuparão uma parte da Fazenda, tendo 1.000 hectares disponíveis para plantio em lotes individuais. No entanto, essa quantidade de terra ainda é insuficiente para as metas da reforma agrária, como afirma o próprio Incra. Páginas centrais.

Os associados da Cotrijuí contam com mais uma alternativa para comercialização de hortigranjeiros, pois a Cooperativa instalou um lavadouro de pepinos, que permitirá a conservação do produto. Segundo os executores do projeto, a estimativa é de chegar aos 60 mil vidros nesta safra. Dessa forma, o produtor de pepinos poderá cobrir os custos da sua lavoura com a comercialização do produto em conserva, além da opção do pepino in natura. Página 14.

Desabafo ecológico

João Pedro Cuthi Dias

A questão ambiental, não só em Mato Grosso do Sul como em todo Brasil, é prioritária, só que na hora das decisões reais sempre fica em segundo plano. A nível federal, por exemplo, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente teve, em 85, um orçamento equivalente a quatro ou cinco quilômetros de asfalto. Para um órgão com a função de gerir os recursos naturais de um País com 8,5 milhões de quilômetros quadrados, esse orçamento é simplesmente ridículo. A Sema transforma-se então num órgão nem mesmo normativo, por falta de recursos humanos e materiais.

A nível estadual, o problema também se repete. O orçamento da Secretaria de Meio Ambiente era de 0,5 por cento dos recursos do Estado, e as grandes questões ambientais — mesmo no aspecto legal, formal e institucional — fugiam de sua alçada. A questão da erosão, que é um dos maiores problemas ambientais do Brasil, em especial de Mato Grosso do Sul por ser um Estado de fronteira agrícola recente, é preocupante. Possuímos técnicos capacitados a elaborar projetos e orientar os produtores, mas faltam-lhes os meios, como carros, equipamentos e, sobretudo, recursos.

O Inamb, órgão vinculado à Sema/MS, possui convênios com a Sudepe e o IBDF, porém eles lhe dão poderes limitados e as verbas repassadas são mínimas. A Sudepe, por exemplo, permite que o Inamb fiscalize a comercialização da pesca, enquanto ela fiscaliza dentro dos rios, ficando os barcos a cargo da Marinha. A pesca profissional é o maior problema, pois cresce dia-a-dia o número de pescadores. Qualquer um pode requerer uma carteira de pescador profissional, estando protegido pela própria Sudepe.

Hoje há no Estado uma polêmica muito grande a respeito dos instrumentos de pesca. Acontece que quem define quais os instrumentos que podem ser usa-

dos é a Sudepe, e ela autoriza a pesca com tarraão e não com rede. Toda vez que se apreende, os pescadores entram com mandado de segurança contra o Inamb alegando que não foi usada malha de rede e sim de tarrafa. O elemento perde a rede, paga a multa e no outro dia está pescando novamente, porque a rede é insignificante em relação ao lucro com o peixe.

Vejo que precisamos desenvolver uma tecnologia para se produzir o peixe intensivamente. Aí então poderemos proibir a pesca profissional. O Inamb construiu uma estação de piscicultura em Aquidauana com apenas Cz\$ 50 mil, que produz alevinos de pacu, pintado, piabussu, corimba e também camarão do Pantanal. Acredito que é em cima disso que se tem de trabalhar.

Outro grande problema é o jacaré. A questão não é o coureiro, que é o último elo da cadeia. A culpa é dos que enriquecem com a matança deste animal. Onde está a punição para esse pessoal? O crime deles é maior, porque dão assistência e apoio logístico aos coureiros.

Nos últimos 15 anos, o Estado assistiu a um desmatamento incrível, até nos barrancos dos rios. Fizemos um grande esforço para proteger as matas ciliares. Pelo menos, esse processo diminuiu, mas temos de acelerar o de recuperação através da ampliação da rede de viveiros florestais. A exploração racional do solo não alteraria o ecossistema do Pantanal, como ocorre hoje. Para isso, deveria haver um trabalho integrado entre todos os órgãos, mas o que se nota é um total divorciamento, a exceção de alguns técnicos que procuram forçar esta integração. Por que não aproveitamos estas iniciativas isoladas para desenvolver um estudo para o aproveitamento racional e harmonioso do Pantanal, contanto, é claro, que permaneça um santuário, mas não intocável?

O nosso turismo tem falhas. A única preocupação é trazer gente para a região, quando deveria haver um trabalho

Um retrato da situação das agroindústrias de óleos vegetais comestíveis em todo o Estado é o que mostra um trabalho de campo realizado por três pesquisadores da Unijuí e que foi financiado pela Secretaria Nacional de Cooperativismo. O trabalho mostra que muito pouco se investiu nesse setor nos últimos anos e que algumas destas indústrias ainda empregam uma tecnologia bastante ultrapassada. O problema da ociosidade nas indústrias mereceu um capítulo à parte. Os pesquisadores chegaram à conclusão que esse realmente não é o grande problema, embora tenha havido, nos últimos anos uma diminuição no volume de grão esmagado. Matéria na página 12.

Agricultura vive um momento bastante delicado. O produtor não está tendo dinheiro para fazer suas lavouras de verão e a comercialização do trigo tem andado a passos de tartaruga. De onde, então, tirar dinheiro para fazer a lavoura de verão, depois de uma safra de soja colhida pela seca? Os produtores vão fazendo o que podem, plantando o milho com economia e deixando a lavoura de soja na espera da liberação dos recursos. Alguns até arriscaram a comprar o óleo e o adubo em 30 dias, mas já começam a perder o sono com medo de que o dinheiro do custeio não chegue a tempo de saldar os compromissos. O dinheiro que tem chegado para o plantio das lavouras tem sido pequeno, em forma de conta-gotas, mas o governo continua prometendo os recursos necessários. Para o diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, a situação é crítica e o governo precisa definir se realmente existe prioridade agrícola, caso contrário, o descrédito vai ser grande. Garante que não serão as cooperativa que irão assumir, mais tarde, o compromisso de fazer com que os produtores continuem plantando. O atraso na liberação do crédito e as queixas dos produtores estão nas páginas 4 e 5.

paralelo, não só de atração, mas de educação do turista para que ele não cause danos aos animais, não deprede o patrimônio.

Quanto a Constituinte, acredito que temos de fazer uma grande movimentação para que os grandes "lobbies" não continuem mandando, porque o lucro deles muitas vezes passa por cima do meio ambiente. A única maneira de se coibir isso é com a organização da sociedade, para cobrar, não só dos constituintes, mas de todos os órgãos federais, estaduais e municipais e, principalmente, de seus parlamentares, uma posição mais séria. Precisamos fazer, não só no papel, um plano nacional para viabilizar a conservação de solos, água, flora, fauna e desenvolver uma agricultura independente dos agrotóxicos e uma pecuária livre do uso abusivo de hormônios e antibióticos.

No Congresso Nacional, nas bancadas estaduais, precisamos ter pessoas comprometidas com as causas ambientais. Um grave problema atualmente é a centralização em Brasília. Tudo é decidido sem ouvir a comunidade. Basicamente, o problema está na sociedade saber escolher seus representantes, isto depende do esforço e mobilização das lideranças dos vários setores.



João Pedro Cuthi Dias é engenheiro agrônomo, foi secretário do Meio Ambiente de Mato Grosso do Sul.



A história das charqueadas

A história dos 50 anos da Cooperativa Pedritense de Produtos Agropastoris, nascida Indústria Pedritense de Carnes Sociedade Cooperativa e hoje transformada em uma das Regionais da Cotrijul, está sendo contada em um livro. "As Estâncias e Charqueadas" foi escrito pelo jornalista Raul Quevedo, correspondente do Cotrijornal na Regional de Dom Pedrito e Porto Alegre e tem apresentação assinada pelo diretor presidente da Cotrijul, Oswaldo Meotti. "O livro, diz Raul Quevedo na apresentação, é uma homenagem da Cooperativa aos pioneiros do empreendimento e seus seguidores, ao longo dos anos, que tanto lutaram, em condições por vezes adversas, para vencer os árduos caminhos. Mas pretende ser também uma mensagem do presente às gerações futuras". O lançamento aconteceu em fins de outubro, com a presença de associados da Cotrijul em Dom Pedrito.

Mamão para dar e vender



Seu Antônio Gottens

Uma colheita de mamão para ninguém botar defeito. Este foi o resultado que o seu Antônio Goettens, produtor na localidade de Santa Lúcia, município de São Martinho obteve com os mamoeiros que mantém no quintal. A surpresa, no entanto, segundo o seu Antônio, ficou por conta de dois pés de mamoeiros que se sobressairam em relação aos demais produzidos num só ano. Um dos mamoeiros chegou a produzir mais de 200 frutas e o outro, mais de 100. Os pés de mamoeiros ainda são bastante novos, com pouco mais de dois anos de idade. De qualquer forma, o seu Antônio que não se cansa de mostrar o feito dos mamoeiros para a vizinhança garante que nunca tinha colhido tanto mamão de uma só vez. Ele acha que essa alta produção tem muito a ver com a adubação orgânica que vem fazendo no quintal.

Presença na Fenacarne

O estande da Cotrijul na 2a. Fenacarne, a se realizar de 26 a 30 do corrente, no Parque Assis Brasil, em Esteio, vai ter uma característica internacional, com a presença também da Central Cooperativa de Carnes do Uruguai. Com a finalidade de ultimar os detalhes dessa presença conjunta, esteve em Porto Alegre ao final de outubro o assessor econômico daquela organização agrônomo Rodrigo von Oven. Ele tratou dos detalhes com Luís Fernando Ryff Moreira, assessor da diretoria da Cotrijul, para assuntos de comercialização.

A Central Cooperativa de Carnes do Uruguai é formada por 30 cooperativas de primeiro grau. Apesar de nova, pois foi constituída somente em 1982, já mantém uma forte presença na economia setorial da carne no vizinho país. Mas ele faz questão de dizer que o cooperativismo em seu país não tem a força do similar brasileiro, principalmente em se tratando de algumas cooperativas do Rio Grande do Sul, dentre as quais menciona a Cotrijul como "um grande exemplo que deve servir de modelo".

Rodrigo von Oven considera fundamental para a sustentação da economia liberal e da livre iniciativa, o fortalecimento do cooperativismo. E

quer seu crescimento a nível econômico, mas também político, posto que um dos fatores fortalecerá o outro.

Disse que o cooperativismo no Uruguai só é suficientemente forte e organizado no setor da pecuária leiteira. Na pecuária de corte, apesar de introduzido à mesma época, ele não tem conseguido o mesmo desenvolvimento. A grande força econômica nesse segmento continua sendo dos frigoríficos.

NEGÓCIOS COM A COTRIJUL

Sobre o intercâmbio com a Cotrijul, disse que o relacionamento tem sido essencialmente comercial, através do fornecimento de carnes bovina e ovina. As vendas estão na ordem de mil toneladas. Mas a expectativa é de que os negócios cresçam sensivelmente, visto que as possibilidades de fornecimento por parte da CCCU são inúmeras. E além do interesse comercial, há possibilidade de um intercâmbio cultural entre ambas as organizações. Ele entende que o cooperativismo precisa também estimular um desenvolvimento a nível de cultura. Ele entende que igualmente nesse setor a Cotrijul tem muito a oferecer. Diversos diretores da CCCU deverão estar em Porto Alegre durante a realização da 2a. Fenacarne.

Aumento na remuneração das plataformas

Um aumento na remuneração destinado às plataformas. Este foi uma das decisões tomadas na última reunião da Cooperativa Central Gaúcha de Leite, realizada no final de outubro em Porto Alegre. "Este reajuste, diz Antoninho Boiarski Lopes, superintendente da Cotrijul na Regional Pioneira e membro do Conselho Fiscal da CCGL, "é uma antiga reivindicação das direções das cooperativas singulares que tanto têm incentivado a produção de leite". Segundo Antoninho Lopes, há vários anos a própria Cotrijul vinha reivindicando uma remuneração maior por parte da CCGL, capaz de custear suas despesas com o fomento e o recebimento do produto.

O aumento na produção de leite deste ano em relação ao ano passado também foi assunto para discussão. E mesmo a CCGL tendo recebido no mês de setembro 20.370.823 litros de leite contra os 17.000.000 produzidos no ano passado nesta mesma época do ano, se discutiu formas de fazer uma campanha junto aos produtores no sentido de levá-los a aumentar ainda mais a sua produção de leite. Esse aumento da produção e da qualidade do produto poderia acontecer através do melhoramento do plantel do gado leiteiro. "Também se discutiu, observa Antoninho Lopes, a possibilidade de se premiar aqueles produtores que vem mantendo uma produção equilibrada e de boa qualidade". A CCGL também decidiu que não aplicará o leite cota, pelo menos até a próxima reunião do Conselho a ser realizada até o final deste mês.

A vitória da Cooperformosa

"Há cerca de sete anos começava a despontar nos férteis varjões do Vale do Araguaia, o Projeto Rio Formoso. Intensamente criticado no seu início, conseguiu superar todas as barreiras para firmar-se afinal como pioneiro da tecnologia agrícola mundial. Mas o Projeto Rio Formoso foi além, apresentando-se hoje como instituição modelar para o desenvolvimento da agricultura em termos coletivos, onde a gigantesca produção se alia à aplicação de avançados projetos sociais".

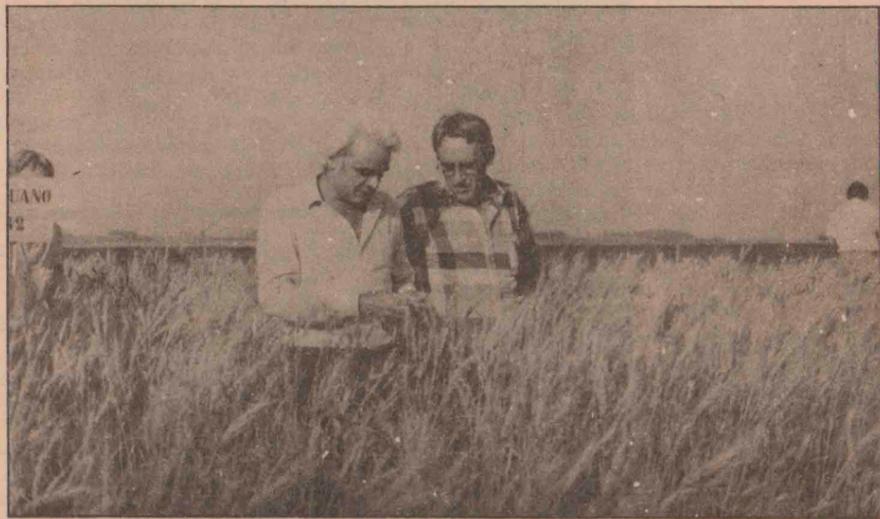
Com esse comentário a revista "Presença", editada em Goiânia, Goiás, publica em sua edição nº 8, deste ano, ampla reportagem onde focaliza o êxito do chamado Projeto Rio Formoso,

origem da Cooperformosa, empreendimento que causou tanta polêmica no final da década passada. O empreendimento de um grupo de gaúchos, tendo a frente o cooperativista e advogado gaúcho Genaro Krebs (atual presidente da Cooperformosa), é hoje uma realidade. A euforia é tanta em relação ao citado projeto que a revista chega a classificá-lo de "Canaã da América".

O presidente da Embrapa no CEP

"Não procedem os boatos de que a Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), será extinta ou absorvida", garantiu o presidente da empresa Osmuz Freitas Rivaldo em entrevista coletiva concedida durante a visita que fez ao Centro de Experimentação e Pesquisa - CEP - da Fecotrigo em Cruz Alta, com o qual a Embrapa mantém um convênio de cooperação científica. O próprio orçamento da Embrapa para 1987 será aumentado, "demonstrando desta forma a preocupação do governo com o desenvolvimento de uma tecnologia nacional".

Os únicos interessados na extinção da Embrapa, segundo o seu presidente, são aqueles que tiveram seus interesses prejudicados pelos resultados que a empresa vem obtendo com os seus trabalhos. Um destes trabalhos é o da descoberta do baculovírus para o combate à lagarta da soja. Essa descoberta provocou uma redução



Osmuz Rivaldo visitou várias áreas de experimentação de trigo

significativa no consumo de pesticidas produzidos por empresas multinacionais

REGIONALIZAÇÃO

Ao assistir a um audiovisual apresentado pelo diretor do CEP, Luiz Pedro Bonetti onde teve a oportunidade de conhecer as diversas atividades desenvolvidas pelo Centro nas áreas de experimentação, melhoramentos e prestação de serviços, Osmuz Rivaldo mostrou-se impressionado com os trabalhos realizados. "Sempre soube da qualidade dos trabalhos aqui realizados, mas não sabia que houvesse uma pesquisa tão diversificada", disse aos pesquisadores do CEP e representantes das Cooperativas de Cruz Alta, Ijuí, Santa Bárbara do Sul, Tupanciretã, Panambi e Júlio de Castilhos que acompanhavam

na sua visita. Osmuz Rivaldo foi ainda acompanhado, durante a visita, pelo diretor de Pesquisa e Assistência Técnica da Fecotrigo, Carmine Rosito e pelo deputado Algir Lorenzon. O presidente da Embrapa destacou a importância da regionalização da pesquisa e a preocupação dos pesquisadores do CEP em levar o resultado de seu trabalho até os produtores. "Precisamos conhecer melhor as realidades regionais e uma entidade como o CEP, que está ligado às cooperativas, pode nos ajudar muito nessa tarefa", disse. Mais adiante ressaltou que a pesquisa deve ser o mais objetiva possível, começando sempre pelo produtor e terminando no produtor".

Falta dinheiro para a lavoura

Agricultores atendem apelo do governo, mas o dinheiro do custeio continua chegando aos poucos.

A morosidade na liberação dos financiamentos para a formação da lavoura de verão, aliada as dificuldades na aquisição de fertilizantes começam a criar um certo clima de apreensão entre os produtores, chegando, inclusive, a colocar em dúvida a meta do governo de chegar ao final da próxima safra com uma produção de 10 milhões de toneladas de grãos. Essa situação tem levado os produtores a uma visita quase que diária às agências do Banco do Brasil à procura do tão anunciado dinheiro para o custeio que só tem chegando de forma minguada.

E não têm faltado reclamações para essa situação de falta de crédito. O próprio presidente da Farsul, Ari Marimon, vem fazendo apelos para que o governo resolva de uma vez por todas essa situação de desespero em que vivem os agricultores gaúchos. Em um telex enviado às autoridades econômicas, o presidente da Farsul diz que os recursos liberados até agora para o custeio da lavoura, além de serem insuficientes, estão atrasados em mais de 30 dias. A Fecotrijo, por sua vez, através de seu presidente em exercício, Tercísio Redin, está pedindo a suspensão da cobrança dos juros para os financiamentos da lavoura de trigo, já que o próprio governo também está atrasando o pagamento.

GINÁSTICA

Mas enquanto o governo não libera os recursos necessários à formação das lavouras de verão, os produtores vão se virando como podem para plantar o milho e a soja. A situação mais crítica, no entanto, é daqueles produtores que não estão tendo acesso ao crédito por não terem financiado a lavoura de soja no ano passado. Estes produtores, geralmente minis e pequenos, estão fazendo uma ginástica danada para se manterem na agricultura. Quem tem um porco sobrando, vende o porco mesmo para comprar o adubo e o óleo. Ou em último caso, as vacas de leite, "pois pior, asseguram, é ficar um ano sem planta". E mesmo aqueles que conseguiram financiamento para o milho ou o feijão, continuam esperando pelo dinheiro, embora a planta já esteja na lavoura.

PREJUÍZOS AOS PRODUTORES

O diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, vê toda essa situação na área de crédito rural de forma bastante crítica. Ele acredita que não só a timidez dos órgãos responsáveis pelo financiamento da safra de verão, mas também a falta de recursos para a comercialização do trigo, tem sido uma questão preocupante. Essa situação tem trazido prejuízos aos produtores que não estão podendo cumprir com os seus compromissos. Lamenta que o governo continue tão inconsistente quando se trata de cumprir promessas feitas ao setor agropecuário. "Esse procedimento tem trazido constrangimentos aos produtores na medida em que são forçados a partir do pressuposto de que são enganados. E esse é um mal com consequências terríveis para a economia nacional", enfatiza.

Meotti entende que o governo precisa ser "um pouco mais zeloso para com a própria palavra no momento de estabelecer normas e impor medidas ao setor da produção primária". Diz que o agricultor, sempre que chamado a produzir, o faz com competência, seja na extensão da propriedade ou no aumento da produtividade. Um exemplo típico dessa situação, segundo o diretor presidente da Cotrijuí, foi o que aconteceu nesta última

safra. Mesmo depois de uma frustração na lavoura de soja que não se restringiu apenas em volume físico, mas também em preços, o produtor atendeu a solicitação do governo, o que poderá resultar numa colheita de 1,5 milhão de toneladas. "Mas nem por isso, reclama, viu a cor do dinheiro porque a comercialização está paralizada".

É evidente, adverte, que esse estado de coisas deixa o produtor com um pé sempre atrás, desconfiando ainda mais da política governamental. "Essa falta de credibilidade pode ser fatal ao próprio governo, vindo a comprometer qualquer planejamento que possa ser feito no futuro em termos de produtividade".

VERÃO

No que diz respeito a lavoura de verão, as perspectivas na visão de Oswaldo Meotti, também são péssimas em termos de repasses, já que os recursos que deveriam chegar a cada 10 dias, não estão chegando. Garante que se não fosse o Banco do Brasil, que na verdade não tem nenhuma culpa por esse estado de coisas, a situação da lavoura de verão estaria ainda mais atrasada em seu estágio de plantio. "O Banco do Brasil, conscientizado da gravidade do problema dos agricultores, chegou a reaplicar em custeio de lavoura recuperações de crédito de trigo. Só que com a paralisação na comercialização do trigo, o Banco não teve mais recursos para o financiamento das lavouras de verão. São dois problemas que se encontram e se chocam", ressalta.

Dentro deste quadro nada promissor, a Cotrijuí, na medida do possível, mas de forma bastante limitada, tem libe-



O milho está quase todo na lavoura

rado algumas quantidades de insumos destinados ao plantio do milho, sorgo e soja. "Mas isso não vem resolver o problema, que é de grandes proporções".

PRIORIDADE AGRÍCOLA

Para Oswaldo Meotti é chegado o momento do governo definir, com mais clareza, se existe realmente ou não prioridade agrícola. Reconhece que o produtor entende a situação de dificuldades em que o país vive. "O que ele não tende é como se pode estabelecer tantas regras de jogo e não cumprí-las. As coisas precisam ser definidas de uma vez por todas", assegura. Mais adiante diz que o governo não vem honrando a sua palavra e, não serão as cooperativas a assumir o compromisso de aconselhar os produtores a plantar. "O que desejamos é que medidas concretas sejam tomadas para solucionar o impasse em que vivem os produtores primários gaúchos".

SITUAÇÃO DRAMÁTICA

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Carlos Karlinski diz que a situação, principalmente dos produtores que vinham querendo cair fora do banco e que na safra passada não pegaram financiamento para a lavoura de soja, é ainda mais dramática. Estes, depois de uma frustração, teriam, de qualquer forma, que recorrer a recursos do governo para continuar plantando. O próprio Sin-



Soja: área plantada é insignificante

dicato fez um levantamento, encaminhado as autoridades governamentais, onde descobriu que mais de 170 agricultores de Ijuí não conseguiram financiamento. "Não estamos brigando pela soja, adverte. Estamos levando em conta toda uma circunstância que está existindo". E esses produtores — área totaliza em torno de 1.900 hectares — não conseguem recursos do governo, o Carlos Karlinski diz que não sabe como eles vão fazer suas lavouras. "O pessoal está fazendo todo o tipo de ginástica para poder continuar trabalhando na lavoura", ressalta lembrando que o Sindicato ainda não recebeu nenhuma resposta do levantamento encaminhado. O Carlos Karlinski também não mostra esperanças de que o governo venha atender esses produtores, mesmo sabendo que eles não têm de onde tirar dinheiro.

O crédito para a lavoura de arroz veio pingado, mas chegou, diz o presidente do Sindicato Patronal de Dom Pedrito, Suleiman Guimarães Hias. Ele só lamenta dois fatores: a falta de fertilizantes e a falta de sementes.

Soja: 4% de área plantada

Nem mesmo o atraso na liberação dos recursos para o custeio das lavouras de verão deverá influir nas intenções de plantio dos produtores da região, área de atuação da Cotrijuí. É quase certo que a lavoura de soja permaneça nos 285 mil hectares estimados no início de agosto, com uma redução, se comparada com a lavoura do ano passado, ao redor dos quatro por cento. O que deverá ocorrer é uma quebra na qualidade das lavouras, podendo comprometer, inclusive, a produtividade.

Até o início do mês de novembro, apenas quatro por cento da área total a ser cultivada com a soja na região havia sido plantada. Desta área, 60 por cento da lavoura se encontrava em fase de germinação e 40 por cento em fase de desenvolvimento. "A situação, explica o Luís Juliani, assistente do Departamento Agrotécnico da Cotrijuí, ainda não é de preocupação, pois o plantio ainda se encontra dentro do período preferencial, que se estende de novembro até o final do mês de dezembro". Mas admi-

te que a situação poderá se agravar se o governo não liberar logo os recursos, pois os produtores não estão tendo dinheiro nem para retirar a semente ou o adubo na Cooperativa.

A lavoura de milho já está praticamente plantada. Dos 71.550 hectares, 93 por cento já foram plantados em toda a região da Cotrijuí. A época ideal para o plantio do milho já está passando. Aqueles produtores que, neste ano resolveram atender aos apelos do governo e plantar mais milho, não esperaram a liberação do dinheiro e já estão com a lavoura pronta. Outros tantos preferiram continuar plantando com recursos próprios, e há muito estão com o milho na lavoura.

A situação da lavoura de feijão é semelhante a do milho. Em torno de 98 por cento da área já está plantada. A baixa temperatura registrada no final do mês de outubro andou prejudicando um pouco o crescimento da planta. Mas a grande preocupação dos produtores é com o intenso ataque do "patriota".

"O ataque está sendo tão violento, conta o Arnaldo Prauchner, técnico agrícola ligado a Unidade de Ijuí, que o produtor está sendo obrigado a fazer pulverizações nas lavouras a cada 10 dias". A lavoura de milho também já começa a sentir o ataque do "patriota".

O ARROZ E O SORGO

Dos 2.300 hectares a serem cultivados com arroz nessa safra, apenas 46 por cento já foram plantados. Destes, 40 por cento estão em fase de germinação e 60 por cento em fase de desenvolvimento. O atraso no plantio é em função da colheita do trigo e do preparo da terra para o plantio da lavoura de soja. A lavoura de sorgo encontra-se mais ou menos nessa situação. Até o momento, apenas 53 por cento dos 4.980 hectares foram plantando, 20 por cento da área plantada se encontra em fase de germinação e 80 por cento em fase de desenvolvimento. Algumas lavouras da região começam a sofrer com o ataque do pulgão.

As queixas dos produtores

"Ainda não sei de onde vou tirar dinheiro para fazer a lavoura de soja desse verão", A queixa é do produtor Ângelo Vieira, proprietário de 20 hectares na localidade de Santa Lúcia, Ijuí. Seu Ângelo é apenas mais um dos tantos produtores que neste ano está se vendo "pequeno" para poder fazer a planta de verão. Financiou as lavouras de milho e de feijão, mas ainda não viu a cor do dinheiro. "Continuo devendo as duas plantas", conta.

Em muitos anos de lida na lavoura, o seu Ângelo nunca tinha pego financiamento. Na safra passada foi tão mal com a lavoura de soja, que numa área onde costumava tirar 340 sacos, colheu apenas 120. O dinheiro mal deu para pagar as contas. Esse ano só via uma saída para a sua situação de descapitalizado: pedir financiamento no banco. Conseguiu financiamento para a lavoura de milho e do feijão, mas não conseguiu para a soja. "O milho e o feijão já estão na lavoura, embora eu ainda esteja devendo a semente, o adubo e o óleo, que o dinheiro do custeio ainda não chegou", diz.

O seu Ângelo vinha contando com o dinheiro do trigo — plantou 10 hectares —, só que agora, depois da chuva que caiu na primeira semana de novembro, ele ainda não sabe o quanto vai colher. Só sabe que o prejuízo é grande. "A

minha situação é crítica. Estou até pensando em fazer algum empréstimo, quem sabe até um "papagaio" num banco, para poder plantar. Sei que o juro é alto, mas ainda acho que é pior ficar sem a planta".

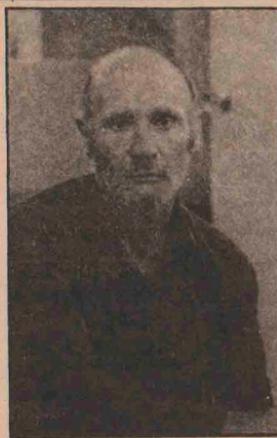
SITUAÇÃO SEMELHANTE

O seu Ari Delan também não conseguiu financiamento para a lavoura de soja, mas do mesmo, continua com a intenção de ocupar 15 dos seus 25 hectares com a cultura. Quem mais lamenta essa situação é a dona Cecília, a sua esposa. "A vida de pequeno agricultor está ficando cada dia mais apertada. Como que o governo quer que o agricultor aumente a produtividade, se não oferece condições? Ele tem que ver que estamos saindo de uma frustração", reclama.

O seu Ari já plantou 40 quilos de milho e ainda gostaria de plantar mais um pouco, mas acha o preço da semente muito alto. Para a lavoura de milho ele gastou Cz\$ 1.500,00 de adubo. Parte desse valor ele pagou com o dinheiro da venda de um porco e o restante deverá vencer em 30 dias. Ainda não aplicou uréia no milho e nem sabe ainda se vai aplicar. "Como vou querer aplicar uréia no milho, se não tenho dinheiro nem para fazer a lavoura de soja?" pergunta.

AS TRÊS VACAS

Para fazer a lavoura de soja ele está pensando em vender três vacas de leite.



Ângelo Vieira



Ari Delan



Onofre Kristoschik

"Com o dinheiro faço a planta e compro outros animais de menor qualidade e de menos preço", reforça. A dona Cecília não quer nem ouvir falar na venda dos animais e sugere que o seu Ari faça a lavoura com menos adubo. "O leite, os ovos, a galinha, os porcos, as verduras, o mel, dão uma receita que nos permite passar o ano. É uma receita que nós temos todos os meses e que garante, inclusive, o rancho". Se vender as vacas, o seu Ari vai comprar apenas o adubo e o óleo, porque a semente ele tem guardado em casa.

O seu Onofre Kristoschik, proprietário de 53 hectares em Linha 14, município de Ajuricaba, vai plantar 40 hectares de soja. Fez o pedido de financiamento no início de setembro, mas até agora só ouvir falar em dinheiro para a lavoura pelas notícias de rádio. Com medo de que fosse faltar adubo, ele se adiantou e, com um resto de dinheiro que tinha na Cooperativa, comprou quatro toneladas. "Sei

que é pouco e até já encomendei mais outras duas toneladas que ainda estão por chegar". Ele só espera que o dinheiro do financiamento venha a tempo de pagar o adubo encomendado, "que ninguém mais quer saber de vender a prazo".

Mesmo sem recursos para fazer toda a lavoura, seu Onofre só estava esperando uma chuva para iniciar o plantio. "Já tenho adubo para o começo da planta e uma área preparada para uns 40 sacos de semente". Mas se o recurso demorar mais ainda, seu Onofre diz que é capaz de se desfazer de algum bem para tocar a lavoura para frente. "Por enquanto estou tentando segurar a barra sem nenhum recurso. Não sei até onde vou aguentar". Também plantou seis hectares de milho, "com muita economia". Usou semente de segunda planta, mas bem adubado. Agora ele está esperando o dinheiro para aplicar uréia. Não quis fazer a lavoura financiada porque já anda cansado de ficar pendurado no banco.

DOM PEDRITO

Lavoura de arroz fica em 25 mil ha

Há um atraso de definições quanto a real extensão a ser alcançada pela safra de verão de 1986/87. É o que se observa ao questionar os setores técnicos, empresariais e agentes financeiros, nas diversas regiões produtoras. Morosidade na liberação de financiamentos e dificuldades para aquisição de fertilizantes, são apontados como fatores que estariam travando e até limitando a área a ser ocupada pela lavoura de verão no Estado.

No município de Dom Pedrito não é diferente. Tanto que até os últimos dias de outubro, a extensão a ser cultivada estava ainda indefinida, prevendo-se que até o final da primeira quinzena do corrente mês os números parciais ainda venham a ser alterados.

Segundo o gerente do Banco do Brasil, Waldemar Trevisan, citando dados da Carteira Agrícola do estabelecimento, a lavoura arroseira estava com pedidos de financiamentos encaminhados da ordem de 20 mil hectares. Na mesma data, a agência pedritense do Bradesco tinha registrado pedidos de financiamentos de 306 hectares para o cultivo do cereal. Como se observa, pouco mais de 20 mil hectares para uma lavoura tradicional como é o arroz.

De qualquer forma, esses números não são definitivos. O agrônomo João Ademar Rosso, gerente técnico agrícola da Regional, entende que a lavoura arroseira pedritense não vai ser inferior a 25 mil hectares, extensão que vem sendo cultivada há anos, no município.

Quanto a soja, não ficam dúvidas que haverá uma redução acentuada em

termos de cultivo. A Carteira Agrícola do Banco do Brasil tinha registrado pedidos até o último dia 20, de 6.072 hectares, menos da metade da área financiada na safra anterior, que chegou a 12.312 hectares.

O milho mostra um crescimento bastante encorajador, conforme revelação do próprio gerente do BB, Waldemar Trevisan. Dos 150 hectares financiados pelo estabelecimento em 1985, já estão assegurados pedidos de repasse no total de 800 hectares, numa expansão de lavoura de mais de 500 por cento. No sorgo também vai ocorrer um crescimento de lavoura bastante promissor, evoluindo de 937 hectares financiados no ano passado, para 1.214 nesta safra.

No trigo, o crescimento vai ser ainda mais acentuado. Das 900 hectares que o banco financiou no ano passado, alcança 2.179 hectares nesta safra. Mas o agrônomo Rosso manifesta a impressão de que a lavoura será bem mais extensa do que mostra a atual quadro de números, até mesmo porque sempre alguns produtores cultivam com recursos próprios, apesar de que em pequenas extensões.

OS PROBLEMAS DO PRODUTOR

Um veterano técnico em orizicultura, o engenheiro-agrônomo Jorge Peres, que se demitiu do Instituto Riograndense do Arroz para ser produtor em Dom Pedrito, falou à reportagem do Cotrijornal sobre os problemas para produzir. Diz que principalmente na zona sul do Estado os problemas são ainda maiores do que nas demais zonas tradicionais



A lavoura de arroz não cresce em Dom Pedrito



Jorge Peres

Jorge Peres cultiva 180 quadras de arroz, o equivalente a 300 hectares, na região do Ponche Verde (Granja do Peral), tendo obtido até aqui boa produtividade. Mesmo assim, acha que a orizicultura, pelas razões já expostas, é uma produção de alto risco. E vai além. Pensa que o orizicultor tradicional, praticante da monocultura, este tende a desaparecer.

Ele aconselha a diversificação de culturas. Mas ao mesmo tempo considera difícil que isso venha a se con-

cretizar na região da Campanha, onde o arroz é cultivado em terras de pecuária. É que a maioria dos arrendadores são criadores, e precisam do campo restevado para terminar a engorda do gado para abate, ainda no outono.

Uma cultura que Jorge considera de grande futuro na região da Campanha é o milho, principalmente se for cultivado com o recurso da irrigação. O milho em abundância, diz ele, abre as portas para outra atividade que oferece excelente perspectiva: a terminação de suínos criados com técnica moderada, finalizou o entrevistado.

As chuvas não são bem distribuídas. Diz que são comuns precipitações variáveis de 30 milímetros a 300 milímetros em épocas específicas, porém mudando de ano para ano. Isso prejudica tremendamente as lavouras influenciando no resultado das colheitas. Considera também que a água é limitada, dando para plantar com relativa segurança, apenas os 25 mil hectares que tradicionalmente se cultivam no município. E no entanto, diz o técnico, temos terras ideais para o plantio de arroz (várzeas), com extensão superior a 140 mil hectares.

Os estragos da chuva

A chuva que caiu por quase uma semana, mais assustou do que fez estragos no trigo. De qualquer forma os produtores já começam a avaliar suas quebras na lavoura

"Do Proagro acho que posso escapar, diz aliviado o seu Udi Stela Costa Beber, de Santa Lúcia, em Ijuí, ao olhar para os estragos que a chuva fez na sua lavoura de trigo. Até antes da chuva ele havia colhido 900 sacos em 25 hectares de planta, com um rendimento médio de 36 sacos por hectare. O resto da planta também estava no ponto, com 16 de umidade, mas como é produtor de semente, resolveu esperar mais uns dias. O resultado dessa decisão foi que a chuva transformou o trigo semente em produto comércio e de péssima qualidade.

Do que ficou na lavoura por colher e foi atingido pela chuva, seu Udi calcula que as perdas não baixam de 50 por cento. Ele tinha por colher 35 hectares da variedade Minuano, a mais castigada, e outro tanto da variedade CEP-11. Da variedade Minuano ele não espera muita coisa. Acredita que tira uns 30 sacos por hectare, mas a qualidade do produto está comprometida. Os grãos, mesmo depois que parou a chuva, continuam brotando. "Em 40 anos de lida com a planta", conta, nunca tinha visto o grão de trigo brotar com um sol rachando de quente. Já vi muito trigo ficar com a palha completamente podre, mas o grão permanecer de excelente qualidade.

A variedade CEP-11 é que está em melhores condições, até porque era mais do tarde. Essa lavoura seu Udi vai colher e guardar a semente em casa para o próximo ano. Da Minuano, ele não vai guardar nada, até porque já deve ter perdido o poder germinativo. "Com essa va-

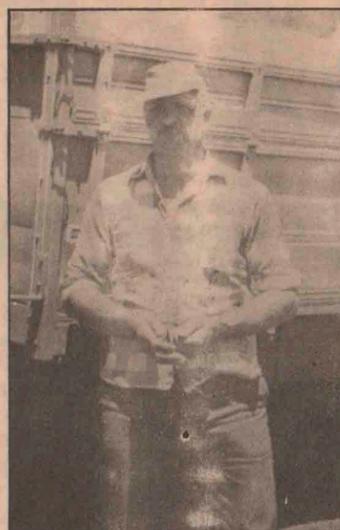
riedade vou perder dinheiro no específico, na qualidade do produto que é muito ruim e ainda a bonificação, que é um dinheiro que sempre entra mais no tarde, mas que ajuda".

O estrago causado pela chuva também foi feio na lavoura do Gilberto Brum, embora os prejuízos não cheguem perto dos do seu Udi. Ele e o pai, o seu Lucídio, plantaram 120 hectares de trigo em Barreiro, Ijuí e levaram um susto danado com a chuvarada que caiu por quase uma semana. Eles já haviam colhido 1.600 sacos, mas ainda tinham na lavoura perto de 2.000. Plantaram as variedades Minuano, BR-4, CEP-14, CNT-8 e Butuí. As perdas, em relação a esse trigo que ficou na lavoura durante a chuva, deverão ficar entre 30 por cento.

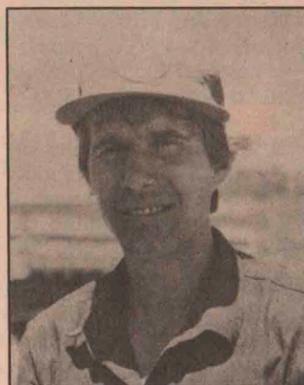
A variedade mais atingida foi a Minuano, que também vinha sendo reservada para semente. Deixei de colher o produto com 15 por cento de umidade, para colher com 21 e sem valor para semente porque o grão está todo brotado", lamenta o Gilberto. Além disso, ele diz que o trigo perdeu 10 pontos do específico. Mesmo assim, o Gilberto espera tirar uma média de 28 sacos por hectare, onde o rendimento ia atingir uns 30 sacos por hectare. "Estou tendo uma perda na lucratividade. Se esperava que ia me sobrar uns Cz\$ 300,00, agora não sei se depois de paga todas as contas, ainda me sobra Cz\$ 200,00", diz. O importante, segundo o Gilberto, pe que vai dar para pagar o custo da lavoura que foi alto e andou por volta de 17 sacos por hectare.



Udi Costa Beber: perdas maiores



Antenor Vione



Gilberto Brum



Arlindo Doberstein: um susto

O ESTRAGO FOI MENOR

O seu Antenor Vione, vizinho do Gilberto e do seu Lucídio, plantou 50 hectares de trigo e teve mais sorte: o seu prejuízo é muito pequeno. Plantou a va-

riedade CNT-8 e até antes da chuva ele já havia colhido a metade da lavoura, tirando em torno de 35 sacos por hectare. "O trigo acamou bastante e perdeu no específico. É onde vou perder dinheiro", diz.

Mesmo sendo produtor de semente, seu Antenor não quis esperar muitos dias e já tratou de colher o trigo, mesmo sabendo que estava bastante úmido. "Quem fica queimado com água quente, tem medo até de água fria. Não sei se esse tempo passa dois dias sem chover e antes que as perdas aumentem, vou fazer a minha colheita, dizia seu Antenor tirando mais uma carga de produto da lavoura.

Para o seu Arlindo Doberstein, produtor em Coronel Barros, tudo não passou de mais um susto. Ele plantou as variedades CNT-8, Minuano e BR-8 distribuídos em 20 hectares localizados em Coronel Barros; e mais um tanto em parceria com o sogro em Passo da Cruz, Augusto Pestana e outro tanto em Esquina Primavera, Santo Ângelo.

O seu Arlindo já havia colhido 280 sacos de produto semente e esperava colher mais uns 700 sacos, só não sabia se ainda ia conseguir entregar para semente, "Quando acamou, principalmente a variedade Minuano, o trigo já estava brotando, diz. A variedade CNT-8 mostrou-se mais resistente à chuva e aos ventos e ele nem calcula que possa ter prejuízos com essa lavoura. De um modo geral, seu Arlindo calcula que as suas perdas possam ficar em torno de 10 por cento, por causa do específico que caiu bastante. Ele era, até a semana passada, um dos poucos produtores que não estava muito preocupado em correr para a lavoura e fazer a colheita. "Ainda vou esperar mais um dia. O grau de umidade do grão está muito alto".

ASSINATURAS

A assinatura do Cotrijornal tem o custo anual de Cz\$ 70,00. Este valor deve ser enviado em cheque nominal para a Cooperativa Regional Tríticola Serrana Ltda. - Cotrijur - Rua das Chácaras, número 1513 (Caixa Postal, 111), Ijuí - RS - CEP 98.700.

Quebra na qualidade

O trigo estava lindo de se ver e tinha tudo para dar uma das melhores colheitas dos últimos anos. Só que, para azar dos produtores que neste ano capricharam e fizeram suas lavouras dentro da tecnologia recomendada, veio uma chuvarada danada bem no período da colheita, e quase pôe tudo por água abaixo. De fins de outubro até início de novembro, a precipitação pluviométrica na região - dados fornecidos pelo Centro de Treinamento da Cotrijur - chegou a 300 milímetros, causando prejuízos difíceis de serem avaliados de forma definitiva, já que muito trigo está na lavoura por ser colhido.

Dos 131.300 hectares plantados com trigo na área de atuação da Cotrijur, Região Pioneira, apenas a metade havia sido colhido até um dia antes do início das chuvas, apresentando uma produtividade média de 1.450 quilos por hectare - considerada a melhor dos últimos anos e um peso específico em torno de 75. Bastante cauteloso, até porque nada garante que não volte a chover nos próximos dias, o Léo Goi, coordenador do Departamento Agrotécnico da Cotrijur na Regional Pioneira, diz que é ainda um tanto cedo para se falar em percentuais de quebra, embora admita que os prejuízos possam ultrapassar a 20 por cento. "As lavouras de trigo que estavam em estágio de maturação ainda resistiram ao excesso de umidade, mas aquelas que estavam prontas para serem colhidas, entraram em processo de germinação", explica.

QUEBRA NA QUALIDADE

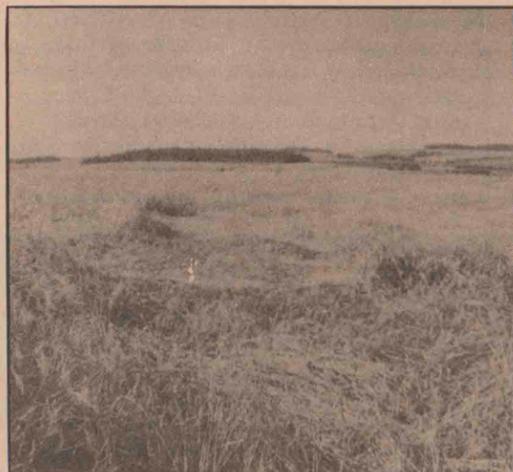
O trigo que começou a ser colhido tão logo que acalmou a chuva vem apresentando uma quebra que varia de seis a 10 pontos no seu índice de qualidade. A quebra da qualidade do produto se deve ao brotamento da espiga, causado pelo excesso de umidade e ao acamamento da cultura. "A qualidade do grão que entrou depois da chuva, diz Clóvis Rorato de Jesus, diretor de Operações e Comercialização da Cotrijur na Região Pioneira, está comprometida.

As variedades mais atingidas pelas chuvas foram a Minuano, a CNT-8 e a BR-4, áreas expressivas na região e que vinham sendo reservadas para semente. "Infelizmente, lamenta o Léo Goi, não vamos atingir as nossas metas de produzir mais de 300 mil sacos de semente de trigo. Não sabe ainda em quanto a produção de sementes foi prejudicada, "mas o certo é que vamos ficar bem abaixo das nossas estimativas iniciais".

A COLZA E A CEVADA

Os maiores prejuízos, no entanto, estão sendo registrados na aveia e na cevada. A aveia vinha apresentando um rendimento pouco superior a 500 quilos por hectare. Metade da área já havia sido colhido, e a quebra, em função do ataque da ferrugem e do excesso de umidade ficará ao redor de 62 por cento. A qualidade do grão da cevada - que neste inverno ocupou uma área de 3.805 hectares - está sendo afetado e a quebra deverá superar os 10 por cento.

A maior parte dos 1.255 hectares



Excesso de umidade reduz a qualidade do produto

plantados com colza na região foram destinados a cobertura do solo e incorporação para adubação verde. O rendimento médio, até antes da chuva, vinha sendo bom, situando-se em 1.010 quilos por hectare. A quebra na lavoura de colza será maior em termos de rendimento do que em qualidade do produto. A linhaça foi a cultura menos castigada com as chuvas. Dos 2.140 hectares plantados na região, apenas dois por cento haviam sido colhidos até fins de outubro. A cultura está um pouco mais atrasada e, segundo o Léo, fica difícil avaliar as perdas nessa situação. A chuva também castigou a lavoura de alho da região, que vem apresentando um superbrotamento. Os prejuízos na lavoura de lentilha deverão ficar em torno de 30 por cento.

A saída: integrar

Cooperativas da 6a. Região da Fecotriço ampliam o debate em torno de um novo modelo econômico e buscam formas efetivas de integração

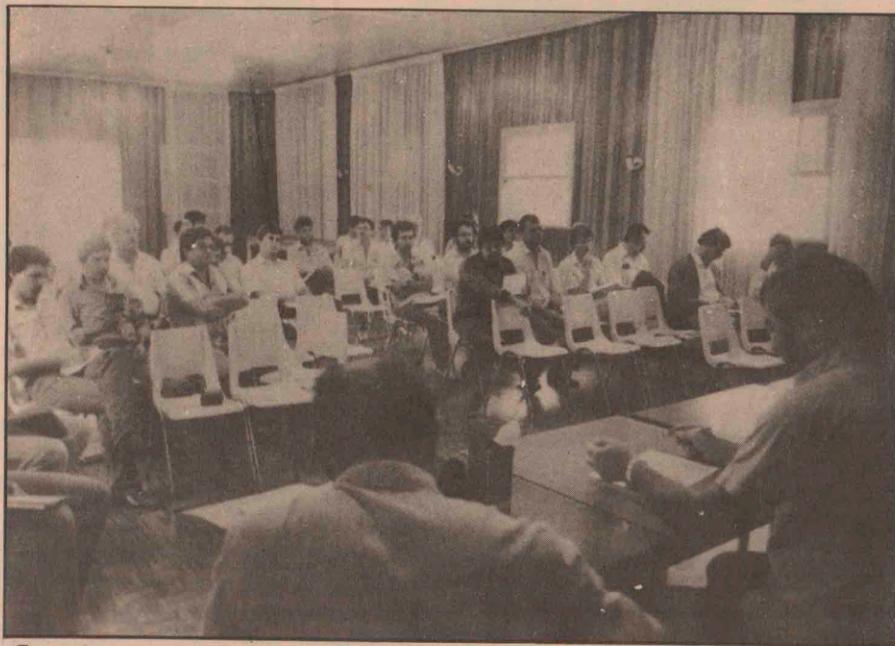
“Não temos mais preços e nem disponibilidade de recursos para plantar ou comercializar. Diante dessa nova situação, só temos uma saída: integrar”, disse o presidente interino da Fecotriço, Tercísio Redin ao falar a dirigentes e comunicadores no 2º Encontro de Cooperativas da Região, ressaltando que os tempos das disputadas entre cooperativas é assunto que ficou para trás. “Só a união das cooperativas poderá fortalecer ainda mais o sistema e dar condições de que se possa fazer frente a uma nova situação econômica que está aí”, disse ainda Redin.

O 2º Encontro de Cooperativas, Regional de Ijuí, aconteceu em Ijuí, no dia 29 de outubro e foi aberto pelo diretor presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti. Participaram como painelistas do Encontro dirigentes e educadores das Cooperativas de Panambi e de Santo Ângelo. A palestra do reitor da Unijuí, Adelar Baggio — ver matéria abaixo — sobre os rumos da economia brasileira e os desafios da conjuntura, serviu para ampliar o debate em torno de uma nova postura a ser empreendida pelo sistema cooperativista nessa nova fase da economia brasileira, em que a prioridade é crescer e investir.

As discussões em torno de um novo modelo, buscando o fortalecimento do sistema neste momento tão sério da economia do país, não ficaram apenas no ar. Algumas propostas foram levantadas — ver quadro ao lado — no sentido de dar praticidade às discussões em torno da agroindustrialização integrada feita até agora pelas cooperativas. “Precisamos buscar, o quanto antes, definições de formas efetivas de integração”, disse Tercísio Redin, no início do Encontro.

INTEGRAÇÃO EFETIVA

“A efetiva integração entre as cooperativas é realmente o ‘x’ da questão”, disse o educador da Cotripal, Lauro Wanderer, ao lembrar que muito se tem falado e discutido sobre o assunto, mas



Fecotriço e cooperativas da região discutem formas de integração

até agora muito pouco ou quase nada tem acontecido na prática. “É uma questão vital para o crescimento do cooperativismo como um todo, complementou ainda o painalista.

Lauro Wanderer levantou uma outra questão da qual o cooperativismo ou as cooperativas têm se esquecido, que é a do planejamento. Ressaltou que existe tecnologia, integração associados-cooperativas, mas não existe um planejamento. “Não temos nada quantificado e muito menos um estudo que nos indique o quanto devemos crescer nos próximos 10 ou 15 anos” E é de forma desorganizada, sem nenhum planejamento global e nem direcionamento que o cooperativismo vem crescendo nestes anos todos. Disse que essa falta de planejamento é responsável pelo insucesso e pelo descrédito do sistema. “Os inimigos do sistema começam atacando o cooperativismo justamente por essa falta de planejamento”, criticou ainda.

Mais adiante disse que a hora era de reflexões sobre o papel das entidades maiores do cooperativismo na questão da diversificação, da integração e do planejamento. “Que rumos devemos tomar

com a nossa bacia leiteira, por exemplo? Deixá-la marcando passos ou fazê-la retomar seu crescimento, perguntou por fim.

A FALTA DE DEMOCRATIZAÇÃO

O interventor da Cotrisa pelo quadro social, Elvino Walter e o diretor de comercialização, Armindo Terhorst, falaram sobre a crise econômica e a crise política da Cooperativa. Classificaram, como forma de integração, o fato da Cotrijuí ter ido até a Cotrisa para receber a produção de seus associados. “A atividade cooperativista, disse Elvino Walter, deve se sobrepor ao competitivismo.

O interventor da Cotrisa disse ainda que os problemas que o sistema enfrenta hoje são na verdade, oriundos da falta de democratização nas Cooperativas. “O associado não vive a sua cooperativa e, neste momento, compreender o sistema é um grande passo em direção a saída”. Para o diretor comercial da Cotrisa, Armindo Terhorst a recuperação da Cotrisa passa pela integração das Cooperativas e do quadro social. Acredita que dentro de uma integração global, o cooperativismo já vive alguns resultados.

As conclusões do encontro

A nível de Regional da Fecotriço/Ijuí, as conclusões tiradas no final do encontro, foram as seguintes:

- Realizar uma reunião, até a primeira quinzena de dezembro, na Cotrisa de Santo Ângelo, com os responsáveis pela área de comercialização de insumos e produtos agropecuários de cada Cooperativa da Região 6. A organização da reunião ficará a cargo da Fecotriço. Mas nesse meio tempo, cada cooperativa deverá procurar discutir, internamente, todas as questões levantadas no 1º e 2º Encontro de Cooperativas da Regional de Ijuí. Na reunião de Santo Ângelo, elas deverão levar informações sobre:

- Um pool de informações;
- Sistema de troca-troca;
- Agroindústria cooperativa e
- Formas efetivas de integração regional e estadual.

- Realizar o 3º Encontro de Cooperativas da Fecotriço, Regional de Ijuí na 2a. quinzena de janeiro/87. Nesta reunião serão discutidos os seguintes assuntos: orçamento e custos e aprofundamento dos temas do 1º e 2º encontro.

A Fecotriço, aceitando o desafio apresentado pelo reitor da Unijuí, Adelar Baggio, ficou encarregada de:

- Promover uma discussão junto às suas filiadas sobre o Plano Trienal do Governo Federal;

- Criar um espaço constitucional para o setor da economia social. A Fecotriço deverá promover um Seminário, em conjunto com outras instituições — Universidades, sindicatos, igrejas, entre outras, procurando definir uma postura comum em relação a criação de um setor de economia social na futura constituinte. Os constituintes já eleitos deverão fazer parte desta discussão.

- Discutir a realização do Seminário Internacional da Soja.

Espaço constitucional

Criar um espaço constitucional, onde as cooperativas possam participar com uma economia social própria, foi uma das propostas apresentadas pelo reitor da Unijuí, Adelar Baggio, durante o 2º Encontro de Cooperativas da Região de Ijuí. Esse espaço poderia, inclusive, ser ocupado por outras instituições, desde que elas tivessem um caráter social, semelhante ao das cooperativas. Sugeriu que a nível de constituição sejam criados mecanismos que definam com maior clareza a questão das vantagens, dos direitos, da caracterização do setor como sendo público e do conhecimento não apenas da comunidade, mas também da justiça.

Acredita que a credibilidade do sistema cooperativista só será recuperada através da transparência administrativa, com recursos humanos que entendam de orçamentos e de custos, mas que ao pensar em agroindústrias e programas integrados entre cooperativas, pensem também em investimentos comunitários. “Esta proposta fará, inclusive, com que se che-

gue mais facilmente a uma nova arquitetura rural”. Mas para se chegar a uma nova arquitetura rural, capaz de segurar o agricultor no campo, se faz necessário mudanças nas estradas, nas comunicações na armazenagem, na forma de tratar o solo, na forma de pensar a agroindústria. Essas mudanças, que não podem ser assumidas apenas pelas cooperativas, vão exigir, segundo o Baggio, seguramente uma nova postura do sistema, “mas aberto para a comunidade”.

Uma democratização econômica dos empreendimentos agropecuários através de uma visão comunitária, segundo o reitor da Unijuí, seria a única forma de se ver novas perspectivas pela frente. “Acredito que só se fará algo de novo em favor de uma nova perspectiva, quando qualquer empreendimento for fruto de um esforço comunitário”.

O Baggio sugeriu ainda, como propostas de mudanças, o enfrentamento de problemas específicos vividos pelas cooperativas através de planos especifi-

cos de superação. Também destacou a necessidade de criação de um Centro de Desenvolvimento de Estudos Tecnológicos e de Recursos Humanos através da participação da Universidade de Ijuí.

TENDÊNCIAS

Ao apresentar as prioridades do Plano Trienal do Governo Federal, Baggio alertou para o fato de que a economia vive um momento de crescimento e não de recessão, mas desta vez sairá ganhando quem fizer investimentos. Dentro desta ótica de crescimento da economia, a prioridade, como não poderia deixar de ser, até por ser um setor dinâmico, é da indústria. O papel da agroindústria dentro desse modelo é de subsidiar, de apoiar e de transferir. A agropecuária terá como linhas as serem desenvolvidas e que estão sendo propostas pelo Governo, o manejo do solo, as microbacias hidrográficas, o armazenamento, a reforma agrária, irrigação, pesquisas voltadas para alimentos básicos e o Fundo de Desenvolvimento Agropecuário. “Está claro, diz, que por traz



Adelar Baggio

destas propostas existe uma nova agropecuária para ser discutida e entendida”.

A prioridade para a indústria deve servir como alerta para as cooperativas, que ao buscarem uma nova identidade, também apresentem uma proposta social, econômica e política. “O momento, disse ainda o reitor, é propício para uma nova rearticulação. E as cooperativas só vão encontrar essa nova identidade através de uma nova postura”.

Mais um avanço



O Congresso reuniu mulheres do meio rural de todo o Estado

Foto "O Interior"

Quem poderia imaginar, até algum tempo atrás, que a mulher trabalhadora do meio rural iria deixar a lida do leite, o trato dos animais e o serviço da casa para discutir seus problemas de organização, de princípios e de direitos renegados? Pois quem ainda tinha alguma dúvida, já deve ter notado que os tempos mudaram e a mulher está saindo do anonimato para uma luta mais ampla. Ainda no ano passado, mais de 10 mil mulheres lotaram o Gigante da Beira-Rio em Porto Alegre, para apresentar suas queixas de trabalhadora sem reconhecimento. Nesse ano elas foram mais longe e deixaram seus afazeres de dona-de-casa e de trabalhadora rural por dois dias para participar do I Congresso Estadual das Mulheres Trabalhadoras Rurais. O Congresso aconteceu no Plenário da Assembléia Legislativa, em Porto Alegre e contou com a participação de 460 mulheres representando 57 municípios do Estado.

"O Congresso foi uma vitória do Movimento das Trabalhadoras Rurais", conta Margarida Breitenbach, integrante da Comissão Executiva do Movimento das Trabalhadoras Rurais. Casada, mãe de seis filhos e moradora em Linha 28, interior de Ajuricaba, a Margarida viveu dias de intensa correria entre Ajuricaba, Ijuí e Porto Alegre na organização do Congresso. Apesar da correria e do cansaço diz que valeu a pena toda a trabalhadora para dar continuidade a uma luta que não é só da mulher, mas também do trabalhador rural, na medida em que o Congresso se discutiram outros assuntos como política agrícola, reforma agrária, sindicalização, previdência, entre outros.

Entre as propostas aprovadas no

Congresso a Margarida cita uma que considera muito importante: a que trata da organização da mulher do meio rural. Acha a situação da trabalhadora rural ainda muito confusa e, por essa razão, considera que os trabalhos de base, de discussão em cima do assunto, precisam ser ampliados. "A trabalhadora rural precisa acreditar mais na sua capacidade e, deixar de uma vez por todas, de ser usada inclusive para fins políticos. Ela precisa admitir, que mesmo na sua simplicidade, tem postura e muitas idéias próprias". É dentro desta visão que o trabalho de organização da mulher trabalhadora, segundo a Margarida, deverá caminhar daqui para frente.

SOMAR FORÇAS

Gerti Schneider participou do Congresso como delegada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana. Para ela, o Congresso representou um avanço em termos de organização da mulher rural na medida em que passa a admitir a presença da mulher urbana nos seus encontros. A partir da decisão do Congresso, já no próximo encontro estadual, a ser realizado em 8 de março de 87, a mulher urbana vai marcar presença ao lado da mulher trabalhadora rural. "Sabemos que tanto a mulher urbana como a rural têm suas reivindicações específicas, mas a verdade é que elas são exploradas da mesma forma. Essa já é uma razão para unir suas forças", diz Gerti com a certeza de que a participação tanto da mulher rural como da urbana no encontro de março será definitivo para a organização da mulher trabalhadora no Estado.

O Congresso serviu para que as mulheres reforçassem a sua vontade de ter

uma participação mais ativa no movimento sindical, no governo e nas cooperativas. "A sociedade, reclama Gerti, é feita de homens e mulheres, por esse motivo, achamos justo que os dois ocupem espaços iguais. Se a mulher participar do seu sindicato, ela estará ajudando para que ele se torne cada vez mais forte na defesa dos direitos da própria classe trabalhadora rural".

DAS BASES

Mesmo tendo achado que o Congresso representou uma vitória da mulher trabalhadora do meio rural, a Gerti tem a lamentar a maneira como as propostas foram levadas à discussão, "sem antes passar pelas bases". As propostas, segundo ela, chegaram aos sindicatos poucos dias antes da realização do Congresso, sem tempo para qualquer estudo com as bases. "Acredito que o certo era cada regional levar as suas propostas, assim como fez o pessoal de Santo Cristo, para serem debatidas e aprovadas durante o Congresso. A sugestão da Gerti é para que no segundo Congresso as propostas partam das próprias bases.

Para Dilce Basso, só o fato das mulheres terem deixado seus maridos, filhos e a casa para participar do Congresso, já representou um alto grau de conscientização da mulher rural em relação aos seus problemas. "Ela saiu do Congresso mais consciente de que precisa ter voz e vez na sociedade. A sua participação vai depender do grau de conscientização, diz ainda a Dilce, que além de trabalhadora rural ainda faz um trabalho de assessoria ao movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais do Município de Ijuí junto ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

"O Congresso foi uma experiência



Margarida Breitenbach



Gerti Schneider



Dilce Basso



Eni Maturana

nova e as mulheres saíram satisfeitas com as propostas aprovadas e que esperam ser atendidas", diz Eni Maturana, de Itaí, que participou do Congresso como delegada do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí. "Nós não estamos pedindo nada de presente. Queremos apenas o que temos direito". A Eni é casada, mãe de um filho e está fazendo parte da chapa que concorre às eleições para o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí no mês de novembro. A Eni acha que ainda é muito cedo para unir a mulher trabalhadora rural com a urbana. "Não sou contra a mulher trabalhadora da cidade, só acho que ela ainda inibe a participação da mulher da roça. Talvez mais adiante, num estágio mais adiantado, elas possam trabalhar unidas", diz.

Prove que você é um agricultor técnico. Use Fusilade.

Fusilade é o mais eficiente herbicida de pós-emergência para o controle das gramíneas anuais e perenes que tanto prejudicam a sua soja.

Sua aplicação correta e planejada vem trazendo excelentes resultados para milhares de sojicultores brasileiros.

Seja você também um produtor técnico; não utilize os herbicidas em "operações de salvamento" de última hora. Planeje Fusilade para sua próxima safra e controle o mato com eficiência.

Com ele, você soma todas as vantagens da qualidade comprovada, mais a experiência da ICI no combate às ervas da soja.

Consulte seu agrônomo ou técnico agrícola e garanta sua produtividade.

Para o controle das ervas de folhas largas, use Flex.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719
São Paulo - SP.



O mato merece.



Mobilização pela Constituinte

As mulheres da região debatem com representantes de partidos políticos e elaboram propostas para serem levadas até a Constituinte

Na mobilização pela Constituinte, a mulher não poderia, de forma alguma, ficar indiferente. Várias discussões foram feitas na região sobre a questão da mulher frente a nova Constituinte, mas o assunto, na verdade, só ganhou um espaço mais amplo no encontro realizado pela União de Mulheres de Ijuí com representantes dos partidos políticos já organizados. Uma série de propostas foram apresentadas e, inclusive aprovadas pelos políticos, que as mulheres pretendem que sejam levadas até a Constituinte. "O nível dos debates foi bastante significativo, admite a Comissão organizadora do encontro, demonstrando desta forma que as mulheres, sejam elas trabalhadoras rurais ou urbanas, estão totalmente engajadas nas lutas gerais da sociedade que atualmente se traduz na mobilização pela Constituinte".

O debate sobre a mulher e a Constituinte, realizado no dia 25 de outubro, em Ijuí, contou com a participação de 110 mulheres trabalhadoras urbanas e rurais da região. Nas discussões com os representantes dos partidos políticos elas se mostraram totalmente a favor de uma reforma agrária antilatifúndio, que possibilite dar terra àqueles que nela trabalham, colocando um ponto final no atraso do campo e acabando de uma vez por todas com um dos principais entraves do desenvolvimento político: a questão do latifúndio.

Elas ainda deixaram claro — ver propostas ao lado — que são totalmente favoráveis à suspensão do pagamento da dívida externa, uma das principais causas da bancarrota da economia e da miséria do povo brasileiro. "Queremos que seja garantido, pelo governo, o controle de setores vitais da economia, como: petróleo, mineração, siderurgia, agricultura, indústria farmacêutica, saúde, educação, habitação, segurança, entre outros. Sugerem ainda que o Congresso crie mecanismos que garantam o cumprimento da Constituinte".

A LUTA CONTINUA

As propostas discutidas e aprovadas durante o encontro estão sendo encaminhadas a todos os diretórios municipais e

estaduais de todos os partidos políticos que se fizeram presentes nas discussões. Uma outra cópia foi enviada para o Conselho Nacional dos Direitos das Mulheres. Mas de qualquer forma, a luta das mulheres pelo reconhecimento dos seus direitos, pela ampliação do conceito de família, pela igualdade de salário; por um salário mínimo digno, pelo reconhecimento da profissão da mulher do meio rural; por uma política agrícola de acordo com os interesses dos agricultores, entre outros, não pára aí, com a simples discussão e o encaminhamento das propostas aprova-



Mais de 100 mulheres participaram dos debates com os políticos

das. Depois da realização das eleições, a União de Mulheres de Ijuí realizará um novo encontro com os constituintes elei-

tos pela região, no sentido de que haja um comprometimento deles com as propostas elaboradas.

As propostas

A organização das mulheres representa o reflexo da luta pela democratização do país. No momento em que o povo e os democratas brasileiros lutam para consolidar a democracia e melhores condições de vida, faz-se necessário que as mulheres, que representam 52 por cento da população, participem ativamente dessa luta. Com essa posição, as mulheres de Ijuí que estiveram reunidas no dia 25 de outubro, num encontro promovido pela União de Mulheres de Ijuí para debater a questão da mulher e da Constituinte, elaboraram um documento com várias propostas. Eis as principais propostas levantadas pela UMI:

- Declaração na Constituinte do princípio da igualdade entre os sexos, devendo constar que homens e mulheres são iguais perante a lei;
- Igualdade no direito civil, especialmente no que diz respeito aos direitos e deveres dos cônjuges, bem como em relação aos filhos. Fato que garantirá à mulher casada o direito de participação igualitária nos diferentes segmentos da sociedade;
- Ampliação do conceito de família, que não deve mais ficar atrelado exclusivamente ao casamento. Uniões não legalizadas, mães com filhos te-

nham o amparo do Estado. Isso implicaria em direitos iguais aos filhos havidos dentro ou fora do casamento;

- Trabalho igual, salário igual. Salário mínimo equivalente às necessidades básicas de uma família média de cinco pessoas;
- Redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais, não podendo passar das oito horas diárias;
- Garantia de emprego, cargo ou função, sem prejuízo do livre exercício da maternidade e do aleitamento;
- Garantia de estabilidade de emprego a todos os trabalhadores, em especial à mulher casada e à mãe.
- Eliminação de tratamentos diferenciados que impliquem em discriminação no mercado de trabalho;
- Aposentadoria com salário integral para as mulheres com 25 anos de serviços ou aos 55 anos de idade. Para o trabalhador rural aos 50 anos de idade. Para fins de aposentadoria somar os períodos de trabalho na área rural e urbana;
- Fim do limite de idade para prestação de concurso público ou não;
- Garantia de pleno amparo legal à trabalhadora doméstica, conforme todas as leis trabalhistas que a constituinte deverá prever;
- Igualdade de tratamento entre homens e mulheres urbanos e rurais perante a Previdência Social;
- Reconhecimento da profissão da mulher trabalhadora rural;
- Garantia de direitos e benefícios da trabalhadora rural perante a Previ-

dência Social;

- Política agrícola que garanta a produção de alimentos, condições de produção, armazenagem e comercialização. Que o Congresso crie mecanismos de fiscalização para a execução de uma política agrícola conforme o interesse dos agricultores;
- Direito de associação sindical e outras, a todas as categorias profissionais, em especial à trabalhadora rural;
- Creches no local de trabalho e de moradia para trabalhadores rurais e urbanos como um direito essencial do cidadão e garantia de pré-escola a todas as crianças urbanas e rurais com menos de sete anos de idade;
- Direito à reprodução entendido como garantia à livre opção das mulheres quanto ao exercício da maternidade, garantindo o direito individual de determinar livremente o número de filhos, sendo vedado qualquer forma coercitiva de imposição dos poderes públicos e entidades privadas. Deverá ser atribuído ao Estado a prestação de serviços e a assistência integral à saúde nas diferentes fases da vida da mulher urbana e rural;
- Toda a violência física, moral ou psicológica deverá ser considerada crime contra a pessoa, independente de acontecer dentro ou fora da família;
- Garantia de que na futura Constituinte sejam criados mecanismos de fiscalização e punição para atos de qualquer natureza que impliquem em discriminação ou lesão da cidadania das mulheres.

Com Flex, as ervas vão e a soja fica.

Flex controla maior número de ervas.*
Flex é o mais seguro para soja.

* Ervas: Amendoim-bravo, Picão-preto, Caruru, Corda-de-viola, Carrapicho-rasteiro, Quinquilho, Beldroega, Nabo, Picão-branco, Trapoeraba, Serralha, Erva quente, Joá-de-capote, Poaia-branca, Maria-pretinha, Joá, Carrapicho-de-carneiro.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719
São Paulo - SP.

Lavoura coletiva

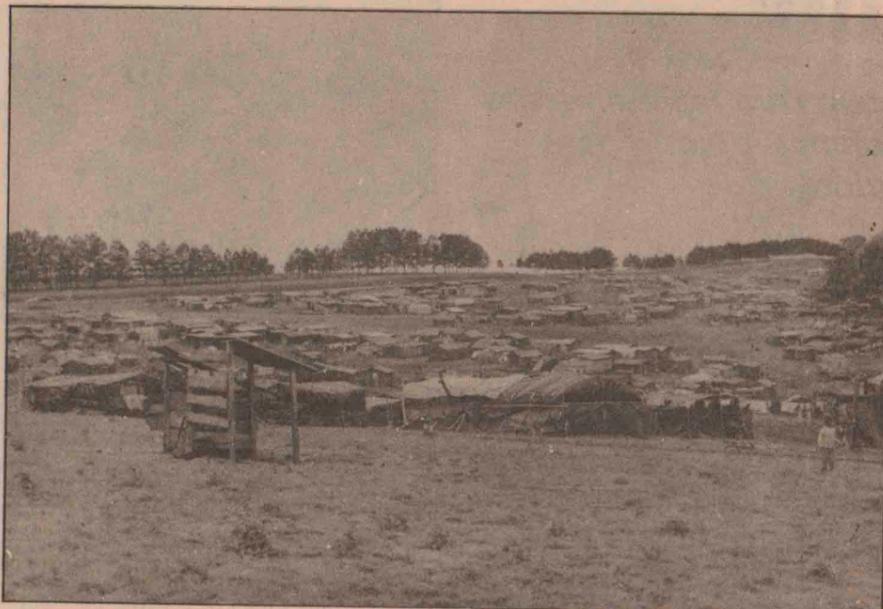
Depois de mais de um ano de espera, passando por todo o tipo de privação alimentar e de higiene e até mesmo enfrentando um cerco militar, as 1.500 famílias de colonos sem terra acampados na Fazenda Annoni começam a vislumbrar um caminho para os seus problemas. Ainda que provisoriamente, os colonos já têm garantidos 700 hectares na Fazenda, onde produzirão em lavoura coletiva, aproveitando a safra de verão.

Nesses últimos dias, as famílias dos colonos sem terra acampados na Annoni vivem momentos de grande discussão, pois eles passam agora a planejar a lavoura coletiva, para a qual foi destinada, inicialmente, 700 hectares, dos 3.585 de posse do Incra. A legalização do preparo do solo foi feita no dia 7 de novembro, através da portaria assinada pelo presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, Ruben Ilgenfritz. No mesmo dia, a superintendente Regional do Instituto Rejane Filippi, anunciou a decisão federal do cultivo da terra, que obedecerá o Projeto de Assentamento Emergencial e Comunitário, elaborado pelos técnicos do Incra e com assessoramento da Cooperativa Tríticola de Sarandi, Cotrisal.

Através desse projeto, os colonos pretendem plantar 600 hectares de milho, consorciados com feijão e soja, 40 hectares de cana-de-açúcar, 40 hectares de mandioca e dez de hortaliças. Para o desenvolvimento da lavoura comunitária, o Incra firmou um convênio com a Cotrisal, no valor de Cz\$ 6 milhões, garantindo não só os insumos como também a assistência técnica. Denominado Encruzilhada Natalino, o Projeto da lavoura, teve início no dia 10 de novembro, quando foram lavradas as terras localizadas a 14 quilômetros do acampamento. Além disso, o Incra pretende desenvolver também um projeto de melhoria de condições dos acampados, destinado às habitações dos colonos, que vivem em condições precárias há mais de um ano.

AFOGADOS

Pouco apreensivos com a seleção feita pelo Incra, os colonos da Annoni



Uma nova fase para os acampados da Annoni

consideram este momento como uma outra etapa na sua luta pela ocupação da terra, ainda que não seja definitiva. Já os "afogados", colonos que perderam suas terras na construção da barragem de Passo Real, querem ser assentados definitivamente em lotes individuais na Fazenda Annoni. Para as 57 famílias de afogados que ocuparão terras na Annoni, o Incra destinou 1.000 hectares. No entanto, parte dos afogados que estão acampados na área de Capão Bonito, no município de Salto do Jacuí permanecerão no local, junto com 12 famílias de outros assentamentos administrados pelo Estado. Portanto, ficarão em Capão Bonito, 42 famílias, as quais receberão lotes de até 15 hectares com uma nova divisão da gleba, e 40 famílias ocuparão os 300 hectares de posse do Incra, na Fazenda Bela Vista, em Tupanciretã.

Essas são hoje as áreas disponíveis pelo Incra para fins de assentamento, porém, existe a possibilidade de outra como a Fazenda São Pedro, com 1.600 hectares e localizada no município de Guaiaba. A desapropriação dessa área teve uma liminar impetrada no final do mês passado, exigindo a suspensão de emissão de posse por parte do Incra. No dia 7 de novembro, contudo, a superintendente regional do Incra, Rejane Filippi, divulgava a decisão do Supremo Tribunal Fe-

deral, que reconsiderou a liminar de concessão de mandado de segurança impetrado pela família proprietária da Fazenda São Pedro.

PENEIRA

Se há um certo contentamento por parte dos colonos acampados da Annoni em ocupar provisoriamente as terras, existem aqueles que não passaram pela "peneira" do Incra, ou seja, a seleção feita pelo Instituto, com base em critérios de idade e identificação com a agricultura, e também com base na ordem de preferência. No primeiro caso, somente receberam terra, colonos com idade superior a 21 anos, no segundo pela habilidade prática e em terceiro pela comprovação de insuficiência do sustento na propriedade.

Segundo a própria superintendente do Incra, Rejane Filippi, os critérios para distribuição da terra serão rigorosos, o que certamente eliminará cerca de 200 famílias que hoje estão acampadas na Annoni. Além disso, Rejane Filippi já afirmou que a quantidade de terra disponível na Annoni é insuficiente para todos os acampados. Rejane, no entanto, pensa que as eleições de 15 de novembro poderão contribuir para a agilização dos processos de desapropriação, e, conseqüentemente de reforma agrária, porque ocorrerão algumas mudanças a nível constitucional.

O otimismo da Fetag

Para o presidente da Fetag, Plínio Hentz, a substituição de Egidio Schlabititz na superintendência regional do Incra no Estado e a nomeação da advogada Rejane Brasil Filippi, teve uma característica de conotação meramente política. É claro — diz ele — a saída do ex-superintendente teve justificativa a partir do momento que o mesmo não soube ou não pôde manter um bom relacionamento com os agricultores sem terra.

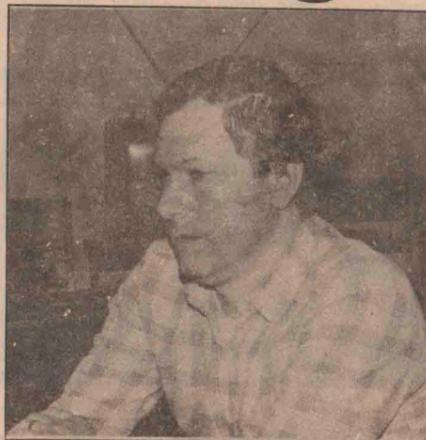
Plínio Hentz faz questão de ressaltar que não tem nada contra a pessoa do sr. Egidio Schlabititz, "pois pessoalmente é uma excelente pessoa", mas por entendermos que houve um desgaste muito forte entre sua pessoa e a grande massa dos que reivindicam um pedaço de terra para produzir, mantê-lo no cargo seria talvez até uma temeridade. Por isso, nós da Fetag aceitamos seu desligamento como medida correta, até mesmo pelo fato de que passa a haver uma esperança renovada para o encaminhamento mais ágil desse pro-

blema crônico.

É evidente que o encaminhamento da reforma agrária não depende, única e exclusivamente, da Superintendência do Incra no Estado. Mas ocorre que a dra. Rejane Filippi já tinha há tempos se manifestado a respeito do assunto com muita propriedade. Ela conhece o nosso sistema fundiário muito bem e, além disso, é vice-presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, tendo todas as credenciais para desempenhar a contento o difícil cargo que assumiu.

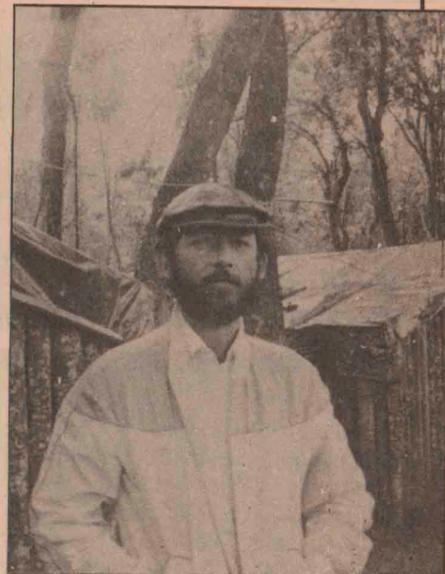
Achamos que mais do que econômico, o rumoroso debate que se trava em torno da reforma agrária é de conotação política. Por ser ela uma militante política e acima de tudo advogada, como cargo de representação classista na OAB, teve o grande mérito de "acender um facho de esperança na expectativa dos sem terra".

Quanto ao grau de vontade do Governo em promover realmente a reforma, Plínio Hentz mostrou-se otimista. Disse



Plínio Hentz

que as áreas liberadas são recentes. A Fazenda Annoni, por exemplo, está sendo liberada agora pela Justiça e só a Bela Vista já está escriturada e repassada ao Incra para o assentamento. (Por Raul Quevedo)



Marli Castro

Pressão para novas áreas

Essa é a disposição política dos acampados da Annoni que hoje preparam-se para produzir, de forma coletiva, 700 hectares de terra. Para o colono Marli Castro, esse avanço na luta pela reforma agrária é resultado da apuração de processos, mas eles ainda são poucos. Por enquanto, "só temos como resultados concretos, isto é, áreas de ocupação legalizadas, a Fazenda Annoni e a Bela Vista, em Tupanciretã". Marli ressalta no entanto, que o próprio acampamento foi um avanço político para o movimento, no que ele trouxe de resultados práticos, como a ocupação provisória, e também do que ele mostrou à opinião pública.

Empenhados na discussão da estrutura da lavoura coletiva, os colonos da Annoni pensam em distribuir as famílias selecionadas em oito coxilhas, ainda sem tamanho definido. Em cada coxilha eles pensam em colocar 100 famílias, que ficarão divididas em 10 grupos. Com um coordenador em cada coxilha, os colonos cultivarão milho, mandioca, cana-de-açúcar, feijão. Aproveitando a safrinha, poderão plantar batatinha e hortaliças como rabanete, beterraba e cenoura.

Ressaltando sempre o caráter coletivo da lavoura, os coordenadores dos grupos de discussão na Annoni, deixaram claro que somente receberá o produto quem trabalhar a terra. Esse é também um teste, afirma Marli Castro, pois o Incra acompanhará todo o desenvolvimento do plantio. Mas é certamente um teste para todos os colonos, diz Marli, porque veremos quem realmente está na luta pela socialização da terra.

Quanto ao resultado da avaliação que o Incra prometeu divulgar na última quarta-feira, Marli acredita que ele só ocorrerá nessa semana. Embora já sabendo que muitas pessoas não ganharão terra, Marli diz que os colonos estão otimistas, pois terão o mínimo de subsistência.

"Não dispomos de terras para todos"

Rejeitando liminarmente o conceito de "agrarista", qualificativo pelo qual passou a ser identificada desde que seu nome apareceu na imprensa como substituta de Egdio Schlabit na diretoria regional do Incra no Rio Grande do Sul, a advogada Rejane Brasil Filippi parece estar conscientizada de que a sua ação neste início de administração tem se revelado mais no sentido de desarmar espíritos do que efetivamente avançar num programa de trabalho. Procuradora do Estado, vice-presidenta da OAB no Rio Grande do Sul, membro da Comissão de Direitos Humanos e também da comissão de estudos sobre problemas da terra da OAB, ela tem pautado o desempenho no difícil cargo dentro de um realismo e acuidade que revelam, no mínimo, talento para o diálogo.

Durante entrevista exclusiva que concedeu ao Cotrijornal, Rejane Filippi diz que encontrou o Incra em dificuldades que "podem ser classificadas como de geradoras e impulsionadoras de conflitos". O mais nervoso desses conflitos se localizava na área dos chamados "afogados", que se consideravam os legítimos destinatários de áreas em processo de desapropriações, em especial a Fazenda Annoni. Esse fato criou uma situação de emergência, que exigia solução rápida para evitar problemas maiores, envolvendo os sem terra como um todo.

Os desalojados do Passo Real, conhecidos como "afogados", aguardam há 14 anos a possibilidade de retorno à terra prometida. Resolver o problema destes significa uma mera questão de justiça. Mas temos o caso bem mais recente das 1.500 famílias de acampados da Fazenda Annoni. A situação desta gente parece até mais problematizada do que a dos "afogados". De qualquer forma, e apesar de em caráter ainda provisório, estão vivendo e produzindo na Fazenda Capão Bonito, um assenta-



A medida que novas áreas forem sendo liberadas, as famílias irão sendo retiradas da Annoni e assentadas em novos locais, afirmou Rejane Filippi.

mento do Estado. Quanto aos acampados da Annoni, vivem uma situação de características dramáticas.

Depois de fazer um breve histórico de sua atuação no sentido de conciliar as partes diretamente envolvidas, inclusive participando de assembleia geral com os "afogados", onde enfrentou um ambiente hostil, Rejane Filippi disse que é necessário que não nos afastemos da realidade, que é a falta de terras pa-

Dona Maria: quer ficar



ra o assentamento da maior parte dos interessados.

Nesse sentido, a superintendente pede o depoimento da arquiteta Moema de Biaggio, assessora técnica do Incra. Ela diz que o assentamento está sendo encarado como solução de emergência, "porque não dispomos de área suficiente para assentar as 1.400 famílias acampadas".

A idéia que defendemos agora — retorna Rejane Filippi — é que a área já liberada seja cultivada em conjunto pelas famílias. Essa participação, que não deixa de ter um sentido cooperativista, pode ser a solução temporária. A previsão é que a área seja aproveitada com cultivos destinados à alimentação direta e hortaliças em geral. Naturalmente que isso em uma primeira fase. E a medida que novas áreas forem sendo liberadas, essas famílias irão sendo retiradas da Annoni e assentadas em novos locais. Essa é a idéia que defendemos, pois a verdade é que não dispomos de terras para todos os interessados, finalizou a dra. Rejane Filippi. (Por Raul Quevedo)

A horta da D. Maria

Dona Maria Loureira Alves, de 54 anos, poderá agora aumentar a sua horta, mas foi quase um ano de espaço curto para os seus dois canteiros de alface, um de radiche e um pé de abóbora. Oriunda da Fazenda Brilhante, em Ronda Alta, onde trabalhava como meeira, Dona Maria chegou na Annoni em abril, trazendo junto seus sete filhos. Otimista com a nova situação, a colona de "meio palmo de terra", diz que gostaria de ficar na Annoni, pois já se acostumou ao lugar e, provavelmente, um de seus filhos que é casado e tem filhos também permaneça.

Com sua horta colada ao barraco de lona plástica, a qual não ultrapassa três metros quadrados, Dona Maria procurou aumentar a sua dieta alimentar com essa pequena quantidade de terra. Afinal se ela teve que esperar oito meses para ter uma esperança concreta, precisou, mesmo "antes da lei comer alguma planta dessa terra", afirma.

Lubrificação de Máquinas Agrícolas

Aqui estão os óleos do seu dia-a-dia.



Shell Rímula CT

É o mais recomendado para motores diesel turbinado ou de aspiração normal que operam em condições extremamente severas. Modernos aditivos detergente-dispersantes reduzem ao mínimo a formação de lacas e vernizes nos êmbolos, cilindros, válvulas e a colagem dos anéis. Por sua vez, os poderosos aditivos antioxidantes do Rímula CT praticamente eliminam ou reduzem ao mínimo a formação e o depósito de lacas e borras resultantes da oxidação do lubrificante e do combustível.

Shell Spirax

Óleo lubrificante para engrenagens tipo hipóide. É recomendado para caixas diferenciais, caixas de redução, de câmbio, caixas de direção e juntas universais.

Proteção contra a corrosão e umidade.

Spirax HD oferece proteção adequada contra a corrosão das engrenagens e outros componentes de eixos sujeitos à ação prejudicial da umidade. Apresentam também excepcional resistência à deterioração por uso prolongado.

Shell Tellus 68

Óleo lubrificante para sistemas hidráulicos. É fabricado com básicos parafínicos altamente refinados e contém aditivos antioxidantes, antiferrugem, antidesgaste e antiespuma.



Você pode confiar

Diagnóstico da situação

A pesquisa mostra que a maioria das indústrias do setor de óleos vegetais do Estado são pequenas e antigas. Muito pouco se investiu nessa área

Com um nível relativamente baixo da capacidade instalada de processamento de grãos de soja, qualquer agroindústria consegue cobrir seus custos de industrialização. Isto significa que a ociosidade nas indústrias de óleos vegetais comestíveis não é assim tão grande como se imaginava". Esta é apenas uma das tantas conclusões tiradas de uma pesquisa feita em cima da situação das agroindústrias de óleos vegetais comestíveis nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Esse "diagnóstico" da situação das agroindústrias, financiado pela Senacoop - Secretaria Nacional do Cooperativismo -, teve a finalidade de detectar os pontos de estrangulamento destas indústrias e, ao mesmo tempo, tentar levantar subsídios para a elaboração de uma política de orientação e desenvolvimento tecnológico para o setor.

Além da Senacoop participaram do trabalho de pesquisa a Unicamp - Universidade de Campinas, de São Paulo; o Iparades - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social; a UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina e mais a Ocesc - Organização das Cooperativas de Santa Catarina e a Universidade de Ijuí pelo Rio Grande do Sul. A coordenação de todo o trabalho ficou a cargo do Nuagro - Núcleo Especial de Agroindústria, um órgão ligado ao Ministério da Agricultura. No Rio Grande do Sul o trabalho ficou nas mãos dos pesquisadores da Unijuf: Moacir Hetzel, Roberto Macagnan e do Antônio José Grison, o coordenador do grupo a nível de estado.

Na elaboração da pesquisa os pesquisadores gaúchos contaram com dados estatísticos do IBGE e com informações obtidas através de entrevistas e visitas a 18 agroindústrias do Estado. Destas agroindústrias, 10 são consideradas de pequeno porte; quatro de médio porte e quatro de grande porte. Além desse fato, três destas agroindústrias trabalham com processamento de grãos de arroz.

Menor volume para esmagamento

Não se pode negar, segundo os pesquisadores, que de uns anos para cá tem acontecido um aumento da exportação de grãos de soja, trazendo, conseqüentemente, uma diminuição do volume esmagado, até porque a lucratividade obtida com o esmagamento é inferior a obtida com a venda da soja em grãos. As causas dessa diminuição ficam por conta dos níveis de preços internacionais para o farelo e o óleo de soja, proporcionalmente menores do que o do grão e aos altos tributos que incidem sobre as agroindústrias da soja.

"É claro, admite Moacir Hetzel, que existem agroindústrias com maior e outras com menor problemas de ociosidade". Garante no entanto que as que estão apresentando maiores dificuldades são justamente aquelas que apresentam problemas de custos. Mas de qualquer forma, o trabalho mostra que, mesmo com um baixo nível de processamento, que pode ficar em torno dos 25 por cento do total da capacidade, uma agroindústria consegue se viabilizar".

Mas foi ao fazer uma análise da situação econômica da agroindústria alimentar que os pesquisadores descobriram que o setor, mesmo sendo o que apresentou maior crescimento nos últimos anos, não tem se caracterizado por ser um grande empregador de mão-de-obra. Esse crescimento dos setores de óleos vegetais, rações e refeições preparadas, comparado com o de outros setores voltados para o mercado interno - resfriamento, preparo e fabricação de produtos laticínios, por exemplo -, tem a ver com a própria expansão da soja e ainda, aos incentivos fiscais e creditícios concedidos pelo governo.

A própria modernização da agricultura deu ao Rio Grande do Sul o maior parque industrial de processamento, voltado especialmente para a exportação, embora, atualmente, a sua produção de soja esteja estagnada em 5,5 milhões de toneladas. E como a exportação tinha prioridade, o setor de refino, voltado para o mercado interno, cresceu e se modernizou em menor escala que o setor de esmagamento ou a produção de óleo bruto ou farelo.

Quanto a origem do capital destas agroindústrias, os pesquisadores classificaram-nas em três grupos: as de capital estrangeiro e pertencentes a conglomerados internacionais com uma participação de cerca de 36 por cento da capacidade de processamento; as de capital nacional urbano, com participação de 48 por cento e com tendências de crescimento e por último, as pertencentes as cooperativas, cuja a participação é de 15 por cento, com tendências a diminuir.

Indústrias antigas

Embora tenha o maior parque industrial, com capacidade de esmagamento para 10 milhões de toneladas/ano, o Rio Grande do Sul também se caracteriza por possuir as indústrias mais antigas. A maioria das indústrias são pequenas, apresentando processo tecnológico já bastante ultrapassado, "com algumas ainda empregando prensas para a extração do óleo", explica Roberto Macagnan. As refinado-

ras não ficam para trás quando se fala em caracterização tecnológica do setor. A mais nova foi construída em 1972 e as demais são anteriores a 1962. Em outras palavras, isso significa que as empresas, no Estado, não investem em tecnologia quando diz respeito ao refino do óleo. Os principais avanços nas refinadoras de óleo de soja - no caso do arroz a situação já é um pouco diferente -, segundo Roberto Macagnan, dizem respeito a envazamento. Neste caso estão sendo utilizadas máquinas modernas e embalagens alternativas em substituição as fabricadas com folhas de flandres", diz.

Mas ao investigar o potencial de pesquisa agrônoma na área de oleaginosas do Estado, os pesquisadores descobriram que apenas seis instituições se dedicam a esse trabalho. Estas instituições se resumem ao Instituto de Pesquisas Agrônomicas, ligado a Secretaria da Agricultura; ao Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, da Embrapa, de Passo Fundo; ao Centro de Treinamento da Cotrijuf; ao Instituto Privado de Fomento à Soja, de Porto Alegre; ao Centro de Experimentação e Pesquisa da Fecotrig em Cruz Alta e ao Departamento de Fitotecnia da Faculdade de Agronomia da UFRGS. A grande preocupação dessas entidades é buscar o aumento da produtividade através do manejo do solo e de variedades mais resistentes. Mas também vêm dessas trabalhando, como matéria-prima alternativa, em cima do girassol, da colza e do linho.

Na área de bens de capital muito pouca coisa foi encontrado. A Fundação de Ciências e Tecnologia, mais conhecido por Cientec tem pouca coisa, em termos de substituição de fontes de energia para produzir custos. A Kepler Weber S.A., por sua vez, faz um trabalho mais periférico, na medida em que tem voltado sua pesquisa interna à pré-imprensa, secagem, armazenagem e limpeza de grãos.

Confiança nas cooperativas

Ao estudar a relação entre indústrias e fornecedores de matérias-primas, ficou claro que a aquisição da soja é bastante pulverizada, embora as cooperativas, apesar da crise, ainda contem com a confiança dos produtores. "Os produtores têm consciência, diz Moacir Hetzel, de que a sua cooperativa desempenha um papel fundamental na defesa de seus interes-



Roberto Macagnan e Moacir Hetzel

ses. Se elas não estivessem presentes no mercado, regulando os preços, os produtores receberiam menos pela sua produção".

Problemas estruturais

Embora tenha mudado o nível de produção de soja no Brasil a partir de 80, passando de 10 milhões para 15 milhões de toneladas, as perspectivas, em termos de mercado internacional não são nada boas. "Os problemas existentes com o mercado internacional da soja, diz o Moacir, são estruturais e de difícil solução a curto e médio prazo. Como já vem acontecendo uma seleção de regiões e países produtores de soja, vai sair ganhando aquele que conseguir colocar a sua produção a custos mais baixos.

Como existe sobra de produção de soja no mundo e as exportações do produto brasileiro estão se tomando cada vez mais difíceis, deverá acontecer uma reorientação para o mercado interno. O país deverá se preocupar em defender a sua competitividade através da redução de custos de transportes e do aumento da produtividade. "O Brasil, diz o pesquisador, terá de rever a questão dos transportes, procurando melhorar o desempenho do transporte ferroviário".

Outra proposta colocada a partir das conclusões dos resultados da pesquisa nos quatro estados sugere que o mercado interno seja ampliado, utilizando-se o farelo para produzir carnes. Neste caso se faria necessário aumentar o consumo interno de carnes ou então, procurar exportar esse produto. Também levantou-se a questão de que o girassol, a colza e o linho estão aumentando a sua participação no mercado internacional, mas no entanto, o Brasil não está marcando presença porque não dispõe destes produtos.

Destinação da produção de soja dos agricultores do Estado do Rio Grande do Sul, 1975 e 1980

Em 1.000 t

Destinação	1975		1980	
	quantidade	%	quantidade	%
Consumo no Estabelecimento	38,2	0,9	34,3	0,7
Entregue à Cooperativa	2.828,2	64,0	3.278,0	64,2
Entregue à Indústria	318,0	7,2	634,1	12,4
Entregue a Intermediário	1.174,0	26,6	1.089,7	21,4
Venda Direta ao Consumidor	54,6	1,2	63,3	1,2
Sem declaração	6,4	0,1	4,0	0,1
TOTAL	4.419,5	100	5.103,5	100

FONTE: FIBGE. Censos Agropecuários, 1975 e 1980

De forma articulada

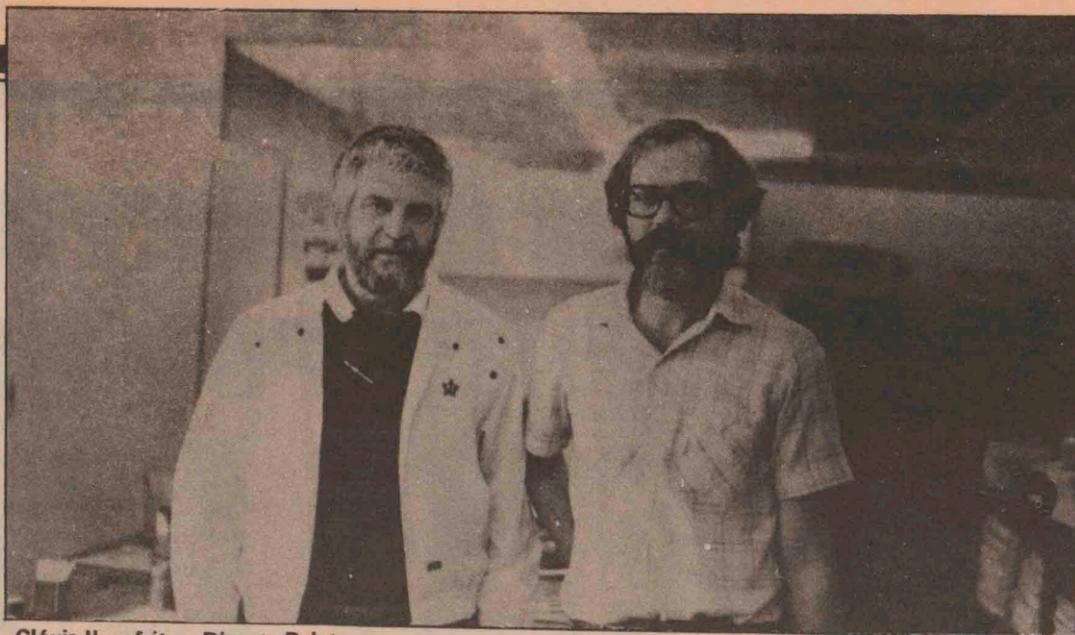
A agroindústria deve ser discutida mais amplamente e trabalhada de uma forma muito séria pelas cooperativas. Esta foi a conclusão a que chegaram as Cooperativas dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul ao participarem de um Seminário em Curitiba, nos dias 4 e 5 de setembro, para analisar os resultados do "diagnóstico" da situação das agroindústrias de óleos vegetais nestes quatro estados. O assunto também foi discutido em um outro Seminário, realizado nos dias 22, 23 e 24 de setembro, em São Paulo e que contou com a participação da Abiove, do Sindicato das Indústrias de Rações, da Comissão de Financiamento à Produção, do Banco Central, da Fepasa e também da Fundação Getúlio Vargas.

Além de procurar, daqui para frente, trabalhar de uma forma mais articulada, as Cooperativas terão que começar a se preocupar não só com a produção do farelo e do óleo de soja, mas também com a matéria-prima soja e ração. "Neste caso, explica Moacir Hetzel, a produção de carne e a de leite, por exemplo, seriam braços de toda uma estrutu-

ra. Embaixo desses braços, ficaria a produção de ração. Ele acredita que esse processo deva acontecer o mais rápido possível, pois caso contrário, as Cooperativas correm o risco de perderem suas participações no mercado da agroindústria. Isso significa, segundo o pesquisador, uma dinâmica mais ágil das Cooperativas no sentido de preservarem seus espaços. "Ou elas entram de vez na dinâmica do capitalismo ou serão excluídas do processo".

Mas para as cooperativas se manterem fortes no mercado, elas terão que realizar investimentos no sentido de buscar melhor produção do capital. "É um assunto bastante polêmico porque mexe com a questão poder e associado". Mas de qualquer forma, segundo Moacir, é melhor permanecer no mercado e apresentar vantagens aos produtores associados, do que ficar de fora.

Outra conclusão saída do Seminário de Curitiba é de que as Cooperativas precisam se preocupar mais com o desenvolvimento da tecnologia no sentido de buscar melhorias nos seus produtos finais.



Clóvis Ilgenfritz e Dinarte Belato

Mais alimentos para a população

Essa é a proposta básica do PT, que vê como essencial a reestruturação da política agrícola, agrária e de abastecimento, com a realização imediata da reforma agrária e a priorização da pequena propriedade. Quem fala sobre as propostas do PT é o ijuicense Clóvis Ilgenfritz da Silva, candidato ao governo do Estado e o pesquisador da Unijuí, Dinarte Belato, candidato ao senado. Adepto do cooperativismo Clóvis é irmão do ex-presidente da Cotrijuí Ruben Ilgenfritz da Silva.

Se não pudesse comprar alimentos de outros estados, o Rio Grande do Sul pouco teria para comer, afirma Clóvis Ilgenfritz da Silva ao comparar a agricultura gaúcha com a de 50 anos atrás. Segundo o petista, a especialização, principalmente de poucos produtos como a soja, o trigo, o arroz, sendo alguns deles destinados a exportação, é resultado da adaptação da agricultura nacional aos interesses industriais e de banqueiros. Estes, aliados ao capital internacional, transformaram a agricultura em possibilidade de ganhar lucros e não em uma atividade para produzir alimentos a população. Além de destruir a organização do pequeno produtor, de dar preferência a monocultura, as políticas agrícolas dos últimos governos garantiram mercado para as indústrias de agrotóxicos, adubos e máquinas, fazendo com que surgisse uma agricultura baseada na técnica de agressão ao meio ambiente, prejudicando a qualidade dos alimentos e ampliando a escalada da fome.

POLÍTICA ALTERNATIVA

Mesmo diante desse quadro inverso dos interesses da população, Clóvis salienta que os trabalhadores do campo e da cidade começam a se organizar e criar alternativas de produção, as quais priorizam a produção de alimentos e que respeitem o meio ambiente. Segundo Clóvis, é a partir dessa visão que o PT define a sua política agrícola, agrária e de abastecimento lutando pela reformulação total da produção. É meta do PT priorizar a produção de alimentos, além de pressionar a realização imediata da reforma agrária, pa-

ra extinguir a miséria e reestruturar a agricultura, dando-lhe finalidade social.

Para aplicação efetiva dessas resoluções políticas, o PT assegurará a ampla representação dos trabalhadores em todos os órgãos de decisão sobre política agrícola, agrária e de abastecimento, diz Clóvis. E ainda mais. No governo petista os Conselhos Populares apoiarão a aplicação das políticas definidas pela maioria da população, assim como a Secretaria de Abastecimento será responsável pelo planejamento e aplicação daquelas políticas, garantindo, durante todo o ano, preços justos aos produtores.

Entre os 13 pontos que resumem a plataforma de Governo do PT, Clóvis Ilgenfritz e Dinarte Belato destacam as ações prioritárias para a agricultura, como a imediata identificação de áreas para reforma agrária e assentamento, com desapropriação do latifúndio, respeitando reservas florestais, ecológicas e indígenas. O PT também quer um levantamento das áreas rurais, verificando seu uso e posse, na perspectiva de usá-las em assentamentos coletivos e em usufruto. Além disso, como afirmam Clóvis e Belato, o PT promoverá uma ação integrada dos vários institutos para implantar uma coordenação de planejamento e desenvolvimento da agropecuária. Os candidatos frisam que em todos esses organismos será assegurada a participação dos trabalhadores.

DIVERSIFICAÇÃO

A diversificação é uma meta do PT, que pretende redefinir a política de zoneamento agrícola do Estado, aproveitando espe-

cialmente as áreas cultiváveis subutilizadas com a pecuária. É necessário também, dizem os candidatos, reorientar as atividades das 26 estações experimentais do Estado para a realização de pesquisas biológicas que unam a agricultura alternativa, o uso racional de energia, e dos recursos naturais, respeitando as condições do solo, do clima e do agricultor.

Além da democratização da Emater, o governo petista propõe que o crédito agrícola do Banrisul se destine às unidades de produção como um todo e não somente por produto, o incentivo a agroindústria comunitária, a criação de um seguro agrícola, sem subsídios, que cubra a expectativa da produção e não apenas o financiamento, e que, através da CESA, sejam desenvolvidas formas de armazenamento de alimentos produzidos em pequenas propriedades familiares com a criação de unidades coletivas junto às zonas produtoras e de armazenagem próxima as áreas de consumo.

COLÔNIA DE FÉRIAS

Descanso na praia

Os associados da Cotrijuí que desejarem veranear na Praia do Cassino, em Rio Grande, já podem começar a providenciar suas inscrições - abertas desde o início de novembro - . As inscrições se fazem necessárias para que os coordenadores da Colônia de Férias tenham condições de programar as acomodações para o pessoal durante toda a temporada.

Para esta temporada os associados contam com duas modalidades de veraneio. Uma delas é veranear por um período de seis dias, sendo cinco pernites e cinco dias de refeições completas. Os associados que optarem por essa modalidade e viajarem no ônibus contratado pela Cotrijuí até a Colônia de Férias, pagarão um preço de Cz\$ 1.035,00 pela estadia. Crianças de dois a cinco anos pagarão Cz\$ 665,00 cada uma, caso ocuparem poltronas no ônibus. Se as crianças não ocuparem lugar ou seja, viajarem sentadas no colo dos pais, pagarão apenas Cz\$ 380,00.

Os não associados que desejarem veranear por seis dias e viajarem no ônibus contratado, pagarão Cz\$ 1.250,00 (15 por cento a mais). Crianças de dois a cinco anos pagarão Cz\$ 800,00, caso ocupem um banco do ônibus ou então Cz\$ 450,00.

Pela segunda modalidade os associados podem veranear por um período de 12 dias. Se viajarem até a Colônia de Férias em carro próprio, pagarão um valor de Cz\$ 1.500,00, enquanto que as crianças menores de cinco anos pagarão Cz\$ 750,00. Os não associados pagarão, neste mesmo caso, um valor de Cz\$ 1.750,00 e as crianças Cz\$ 875,00. Mas os

associados que preferirem viajar no ônibus contratado pela Cotrijuí, pagarão Cz\$ 2.070,00. Seus dependentes de dois a cinco anos pagarão Cz\$ 1.330,00 ou então Cz\$ 750,00 se viajarem sentados no colo dos pais. Os não associados pagarão Cz\$ 2.500,00 e as crianças Cz\$ 1.600,00 pela estadia e viagem. Caso não ocupem banco no ônibus, pagarão apenas Cz\$ 900,00.

O percurso a ser feito pelo ônibus contratado pela Cotrijuí deverá ser via Ijuí, Santa Maria e Rio Grande. Se os excursionistas desejarem regressar por Porto Alegre, terão que pagar um acréscimo na passagem. Esse acréscimo deverá ser rateado entre os participantes da excursão por ocasião da saída de Rio Grande.

PAGAMENTO À VISTA

A partir desta temporada o veraneio deverá ser pago à vista e não mais debitado em conta corrente do associado como ocorria em anos anteriores. Já no ato da inscrição, os associados deverão pagar, por cada pessoa, inclusive crianças que ocuparem um lugar no ônibus, um valor de Cz\$ 300,00. O restante do pagamento será acertado antes da excursão.

Os excursionistas deverão levar roupas de cama - lençóis, fronhas, travesseiros e cobertores - e ainda todo o material de higiene pessoal. Os casais deverão levar roupas de cama separado ou de casal. De resto, os excursionistas deverão respeitar as determinações contidas no regulamento interno, obedecendo horários de refeições, de silêncio e zelando pelo patrimônio e pelo bom funcionamento da Colônia.

VOCÊ QUER ECONOMIZAR 19 LITROS DE COMBUSTÍVEL POR HECTARE ?

Para implantar um hectare de soja pelo plantio convencional, há um gasto de 25 litros de combustível. Pelo Plantio Direto ICI, apenas 6 litros. A diferença, 19 litros, é lucro que fica em seu bolso.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719
São Paulo - SP.



Agora, pepino em conserva

Beneficiar o pepino em forma de conserva, incentivando a produção de hortigranjeiros e a agroindústria Cotrijuí. Essa é mais uma alternativa que a Cooperativa faz surgir para aumentar a sua participação no desenvolvimento da agricultura regional, intensificando a diversificação de culturas. Para o produtor que já cultivava o legume, essa é uma outra saída para comercializar o seu produto, assim como para os novos plantadores de pepino.

Há mais de cinco anos a Cotrijuí incentiva a produção de pepinos, tendo a cada ano um aumento da participação do associado nesse setor. Isso faz com que a necessidade de aproveitamento do excedente seja também uma forma de aumentar a renda do produtor. Segundo o diretor de Operações e Comercialização da Regional Pioneira, Clóvis Rorato de Jesus, existe grande quantidade de produção na região, embora também o consumo seja elevado. No entanto, como ele também é plantado em outras regiões, é preciso aproveitar o excedente que não é pouco, de maneira econômica. Daí o projeto de beneficiamento de pepinos instalado na sede de Hortigranjeiros da Cooperativa, com funcionamento previsto ainda em novembro.

COBRINDO CUSTOS

Tendo uma participação inicial de 23 produtores, o projeto conta com o plantio de aproximadamente 40 hectares de pepino, que serão comercializados com a marca COOPER, em todo o Estado. A vantagem da industrialização para o produtor é de que ele terá garantia do custo de sua produção, apenas com o ex-

Os cuidados com a lavoura

É indispensável para que se atinja uma boa produtividade, cuidados que vão desde o cultivo até a colheita. O alerta é feito pelo supervisor de olericultura da Cotrijuí, Francisco Salla, ao salientar os vários aspectos que podem influir no desenvolvimento do pepino. Além do ataque de pragas que o legume está sujeito, a planta de pepinos deste ano sofreu com o excesso de clima frio, geada no início de setembro e, agora, com o excesso de chuvas. Devido a esses problemas, mas principalmente ao ataque do cascudinho, muitos produtores já iniciaram o replantio. A primeira safra, no entanto, poderá ser colhida nesta primeira quinzena.

O cascudinho tem sido uma das principais pragas que atacam o cultivo do pepino, contudo, também a broca pode colocar em risco a planta. Para o cascudinho, Francisco Salla recomenda o uso da isca tóxica, feita com cipó ou com tajuá, embebido em inseticida, que deve ser

cedente do legume que ele já comercializava em forma in natura.

60 MIL VIDROS

A Cotrijuí poderá evasar 60 mil vidros. Essa previsão é do gerente do setor de Comercialização de Hortigranjeiros, Nelci Baroni, ao fazer uma estimativa da comercialização de pepinos envasados, ou seja, em conserva, que poderão ser colocados no mercado a partir da instalação definitiva do lavadouro. Segundo Nelci Baroni, se as condições climáticas favorecerem uma boa produção, a Cooperativa poderá receber até 100 toneladas de pepino, dos quais uma parte será utilizada para a conservação de 60 mil vidros.

O aumento da comercialização do produto será conseguido através de uma pequena máquina instalada em 300 metros quadrados na própria sede de comercialização de hortigranjeiros, localizada na rua do Comércio. O trabalho essencial desse instrumento é a lavagem do pepino, que antes era feita manualmente, rendendo a conservação de 409 vidros por dia. Sem muitas sofisticadas, a máquina consiste em uma esteira rolante, na qual, o produto ao ser transportado, recebe duchas de água fria e quente, com pressão suficiente para a limpeza do pepino e para evitar ou retardar a perda da coloração normal durante o armazenamento.

Após a primeira etapa, o produto é colocado dentro de vidros, recebe o condimento e passa por um exaustor para a retirada de gases. Já na fase de tamponamento, os vidros são colocados em banho-maria, primeiramente, e depois, recebem um banho de resfriamento, para evitar a



Mais uma opção para o produtor

quebra de embalagens. Por fim, os vidros serão embalados em caixas de papelão, onde eles não recebem a incidência direta da luz e evita-se o escurecimento do produto.

QUALIDADE

Um alerta que o setor técnico da Cotrijuí faz aos produtores é de que eles façam em casa uma pré-seleção do pepino, evitando o desperdício do produto que pode ser comercializado em feira. O pepino utilizado em conserva deverá ter um tamanho médio, com até 8 centímetros de comprimento, não estar em processo de decomposição e não apresentar má formação e nem resíduos de venenos.

Mas, além desses cuidados, outros deverão ser levados em conta pelo produtor, afinal a estimativa inicial de três vidros de pepinos por minuto, ou 1.100 por

dia, exige uma boa quantidade de legume com todas as características necessárias para a industrialização. Embora com uma boa previsão de beneficiamento de pepino, o diretor de Operações e Comercialização da Regional Pioneira, Clóvis Rorato de Jesus, diz que o projeto não pára por aqui. "A meta da Cotrijuí é aumentar o processo de industrialização de hortigranjeiros, tanto que já está previsto para a próxima safra, a instalação de uma máquina de lavagem na Unidade de Tenente Portela.

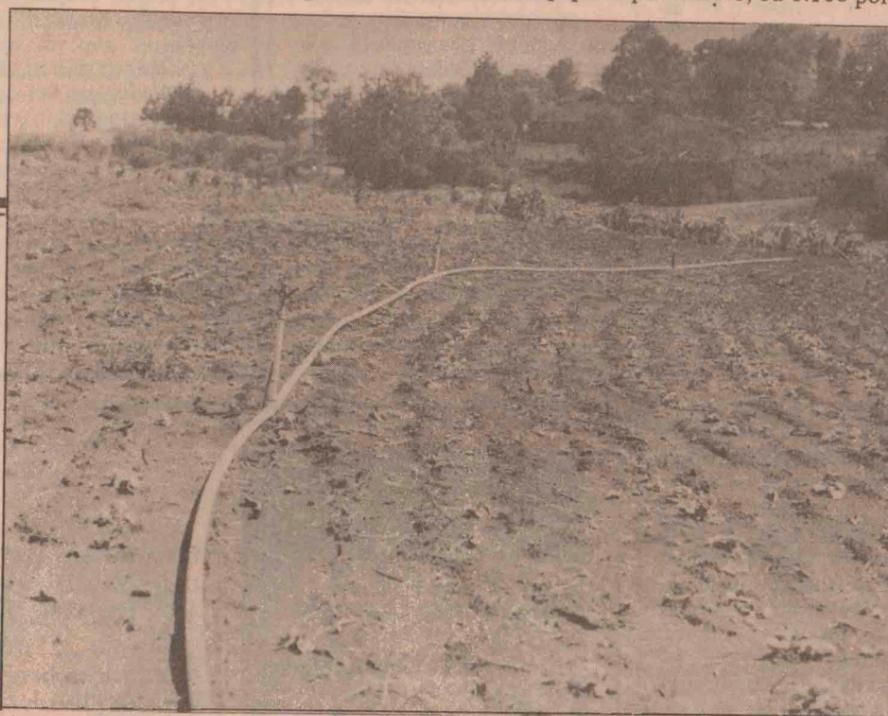
Área pode aumentar



Mariano Sartori

"Se a Cooperativa tiver condições de receber uma produção ainda maior, aumento a minha plantação para até três hectares". Essa declaração é de Mariano Sartori, produtor de hortigranjeiros na Linha 1 Oeste. Mariano tem hoje um hectare de plantação de pepinos, estando a metade já em fase de replantio, devido ao ataque da broca, principalmente, e também do cascudinho. A outra metade da lavoura já está em floração, podendo os frutos serem colhidos ainda este mês.

Apesar de mostrar-se um pouco preocupado com o ataque de pragas, Mariano acha que o projeto da Cooperativa de especializar a produção atende a necessidade de quem já está cultivando este legume há um bom tempo. "Se não existisse esse meio de comercializarmos o excedente não daria para plantar e vender 20 caixas por dia. Mariano acredita também que com o desenvolvimento da lavoura que está em replantio ele conseguirá chegar a 30 caixas por dia



Lavoura em fase de floração

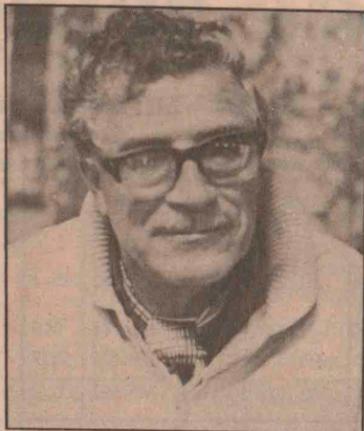
colocada em pontos estratégicos da lavoura. Uma outra indicação é a pulverização feita a partir de uma solução caseira de 10 centímetros de fumo de corda picado, colocado em meio litro de álcool, durante quatro dias. Essa solução deve, depois, ser adicionada a 10 litros de água. Ainda para os cascudos, uma boa medida é o plantio de abobrinhas italianas ao redor da lavoura, as quais possuem maior atração que o pepino em relação a praga.

Já, para a broca, Francisco Salla recomenda a pulverização feita com o Dipel, que tem uma ação mais eficaz contra a praga do fruto. Se o produtor resolver usar algum tipo de inseticida químico deve procurar orientação técnica da

Cooperativa. Além disso, o agrônomo destaca os cuidados com a colheita. É bom dividir a lavoura em grandes canteiros para que seja observado o período de carência, isto é, na medida em que o produtor colhe um canteiro ele só voltará a colher novamente uma semana depois. Na colheita, o produtor deve cuidar também a classificação de qualidade exigida pelo mercado, ou seja, selecionar para a conservação os legumes que atendam as condições exigidas.

Enfim, como o produto deve chegar em bom estado de conservação, o produtor deve procurar fazer a colheita pela manhã ou à tardinha, levando-a imediatamente à Cotrijuí.

Eleições no STR



Florício Barreto

Florício Barreto, associado da Cotrijuí desde os tempos da Pedritense e atual membro do conselho de administração, tomou posse no dia 10 de novembro na presidência do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Dom Pedrito, cargo para o qual foi eleito pela quarta eleição consecutiva. A eleição foi realizada a 11 de outubro, com chapa única, tendo participado 1.291 associados de um total de 1.811, o que demonstra o interesse despertado na comunidade de trabalhadores rurais pedritense.

Os companheiros de diretoria eleitos juntamente com Florício Barreto, são: Elonir P. Severo e Edgar Leal Bueno. Suplentes: Dirceu F. Coesteira, Dorival P. da Mota e Adail G. Farias. O conselho fiscal é constituído por: Delfino G. Aguiar, Idocliedes R. Munhoz e Clodomiro D. Munhoz. Suplentes: Dirceu A. Soares, Olivél F. Soares e Florisbello R. Vasconcelos. São delegados representantes junto à Fetag (efetivos), o próprio presidente, Florício Barreto e Elonir P. Severo. E suplentes, Ezequiel V. da Cunha e Antonio M. Machado.

PLANOS ADMINISTRATIVOS

O presidente Florício está cheio de projetos e pretende realizar um plano de metas que, segundo ressalta, já foi conquistado pelos trabalhadores da categoria em diversas regiões do Estado e na região da Campanha, inclusive no município de Bagé, conforme faz questão de destacar.

Diz que na continuidade do trabalho que vem realizando

há anos, no STR, pretende acelerar as negociações com a classe patronal para chegar a acordos que venham a melhorar a vida dos assalariados. Ele entende que é preciso diferenciar os salários por categorias e função. Diz conhecer casos em que capataz e peão de estância, ganham o mesmo salário mínimo.

Considera que é preciso melhorar salários, até mesmo em função do próprio interesse imediato dos patrões. Acha que o empregado, melhor remunerado, dedica-se mais ao trabalho. As categorias que pretende ver reconhecidas e diferenciadas por salários distintos são, capatazia, operador de máquina, aguador, entre outras. Mas que esse plano deve ser desenvolvido em nível elevado, como é de seu feito.

FORMAÇÃO DE NÚCLEOS

Seu Florício quer fixar o homem ao campo, reduzindo o máximo possível o êxodo rural, que é causa de muitos males que vem acontecendo nos últimos anos, principalmente nas cidades grandes. Pretende promover a união dos trabalhadores através da nucleação, pelas bases. Esse trabalho é desenvolvido juntamente com técnicos da Emater. Segundo ele, cinco núcleos já estão em fase de formação, mas que o ideal são oito ou até dez.

Evolução zootécnica na 53ª Expo de Dom Pedrito

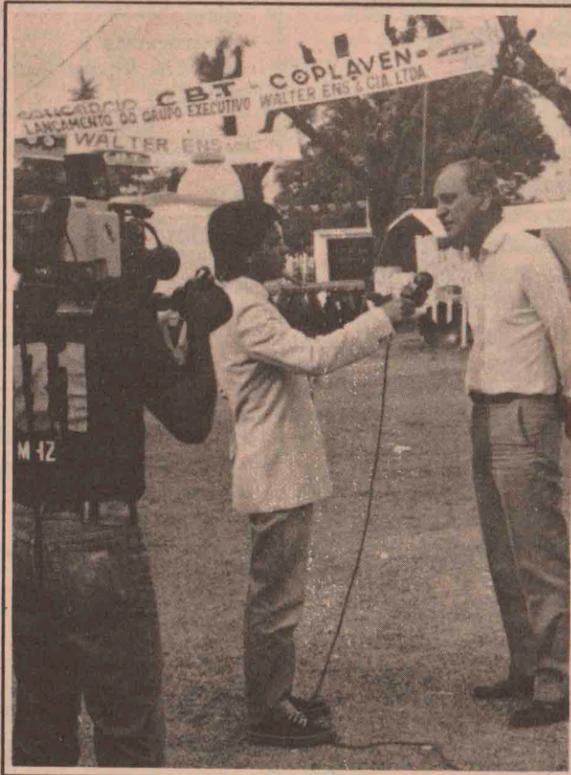
Cavalos crioulos e bovinos polled hereford foram os destaques financeiros da 53ª. Exposição Agropecuária de Dom Pedrito, realizada de 24 a 29 de outubro no Parque Juventino Corrêa de Moura, daquele município. As vendas ultrapassaram a casa dos Cz\$ 22 milhões, sendo que Cz\$ 16,5 milhões exclusivamente com animais bovinos, ovinos e equinos. A venda de máquinas passou dos Cz\$ 6 milhões.

Para satisfação pessoal do presidente do Sindicato Rural, Suleimann Guimarães Hias, e demais membros da diretoria, a 53ª. Expofeira assinalou mais um importante acontecimento na vida do município, que a cada ano melhora sua performance em termos de economia agropecuária. Nesta Expofeira houve, inclusive, uma novidade, talvez inédita para a maioria dos municípios da Campanha. Mostra de suínos. Por iniciativa da Cotrijuí, foram expostos exemplares de suínos das raças Landrace, Duroc e Large White, despertando a curiosidade do público.

A Cotrijuí, que desenvolve projeto de criação de suínos no município, já tendo promovido abates em sua unidade frigorífica, foi responsável pela mostra, como expositora. O desenvolvimento da suinocultura no município está em pleno andamento, conforme se pode verificar em reportagem nesta mesma edição.

MÉDIAS ALCANÇADAS

O sucesso da Expofeira recaiu — conforme vem acontecendo nos últimos anos, no remate conjunto das estâncias Guatambu e Alvorada, criadoras de bovinos da raça polled hereford, com avaliação do Promebo (Programa de Melhoramento de Bovinos), com avaliação andrológica e teste de sexualidade.



Suleimann Hias

Vendidos 56 touros da Guatambu, tiveram média de Cz\$ 48.392,86, enquanto 49 touros da Alvorada foram rematados a média de Cz\$ 45.714,00. As vaquilonas da Guatambu alcançaram a média de Cz\$ 9.500,00 enquanto as da Alvorada chegaram a Cz\$ 8.462,69. Os animais foram adquiridos por criadores de diversos pontos do Estado. Os proprietários das estâncias são: Walter G. Potter & Filhos, da Guatambu, e Rogério Zart, da Alvorada.

MÉDIAS DOS CRIoulos

O tesoureiro do Sindicato Rural pedritense, Danúbio Maz-

zini Canarim, fez questão de ressaltar o destaque zootécnico e apuro de qualidade dos cavlos crioulos. As vendas chegaram a cifra de mais de Cz\$ 2.400.000,00, com a média de Cz\$ 65.000,00. Canarim também destacou a presença de suínos na Expofeira, que classificou como um pioneirismo na região da Campanha, devendo o mérito ser creditado à Cotrijuí.

Os leilões estiveram sob a responsabilidade do martelo do Escritório Farrapo, do leiloeiro Bernardo de Miranda Munhos. O leiloeiro considerou excepcional o desenvolvimento da pecuária em Dom Pedrito, principalmente na sua parte zootécnica.



COTRIEXPORT — CORRETORA DE SEGUROS LTDA.

A SERVIÇO DA COTRIJUI E DE SUAS SUBSIDIARIAS

Senhores Associados e Funcionários. Estamos aptos a prestar-lhe os seguintes serviços: — Seguro de Veículos; — Seguros de Maquinários Agrícolas; — Seguros Residenciais; — Seguro de Vida em Grupo e Acidentes Pessoais; — Bilhete Obrigatório. Maiores informações: Em Ijuí: Rua das Chácaras, 1513 — Fone: 332-3765 ou 332-2400, ramal 364. Em Porto Alegre: Av. Júlio de Castilhos, 342, 5º andar — Fone: 21.08.09.

VOCÊ QUER ECONOMIZAR TEMPO NO PLANTIO?

Um hectare de soja exige 7 horas de trabalho no plantio convencional. Pelo sistema de Plantio Direto ICI, apenas 2 horas e meia. A diferença, 4 horas e meia, são mais hectares plantados na época certa.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719 São Paulo - SP.

O balancete do mês de setembro

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS COTRIJUI – SETEMBRO/86

Em Cz\$ 1.000

Com o propósito de manter o quadro social sempre informado, estamos apresentando as Demonstrações Contábeis do Grupo Cotrijuí, formado por suas Regionais e Subsidiárias, referentes ao mês de setembro de 1986. Os critérios utilizados na preparação dos balancetes continuam uniformes em relação as demonstrações contábeis publicadas no Cotrijornal em meses anteriores. Maiores esclarecimentos em relação aos números dos balancetes poderão ser obtidos junto as gerências das Unidades.

RUBRICAS	COTRIJUI		REG. PIONEIRA		REG. RIO GRANDE		REG. DONDOPEDRITO		REG. MATO GROSSO		STAFF	
	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%	VALOR	%
ATIVO												
CIRCULANTE	877.783	30,7	193.479	21,4	11.294	2,2	139.882	45,7	530.189	49,6	2.939	0,7
DEPARTAMENTAIS	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	340.020	84,1
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	66.976	2,3	14.355	1,6	3.714	0,8	1.789	0,6	9.529	0,9	37.589	9,3
PERMANENTE	1.914.738	67,0	697.242	77,0	501.068	97,0	164.020	53,7	528.829	49,5	23.579	5,9
TOTAL ATIVO	2.859.497	100,0	905.076	100,0	516.076	100,0	305.691	100,0	1.068.547	100,0	404.127	100,0
PASSIVO												
CIRCULANTE	959.897	33,6	248.880	27,5	10.218	2,0	139.081	45,5	477.562	41,8	84.156	20,8
DEPARTAMENTAIS	985	0,2	195.058	21,5	15.937	3,0	52.440	17,2	77.570	7,2	-	-
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	224.870	7,8	2.977	0,3	-	-	4.946	1,6	4.564	0,4	212.383	52,5
RECEITAS DO EXERC. SEGUINTE	37.582	1,2	-	-	-	-	-	-	-	-	37.582	9,3
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	1.636.163	57,2	458.161	50,7	489.921	95,0	109.224	35,7	508.851	47,6	70.006	17,4
TOTAL PASSIVO	2.859.497	100,0	905.076	100,0	516.076	100,0	305.691	100,0	1.068.547	100,0	404.127	100,0
DEMONSTRATIVO DE RESULTADO												
REC. VENDAS/SERV. TERMINAL	2.094.038	100,0	761.239	100,0	50.779	100,0	233.539	100,0	1.047.973	100,0	508	100,0
(-) CUSTO VENDAS/SERV.	1.810.112	86,4	653.740	85,9	42.250	83,2	179.728	77,0	933.971	89,1	423	83,3
RESULTADO BRUTO	283.926	13,6	107.499	14,1	8.529	16,8	53.811	23,0	114.002	10,9	85	16,7
(+) OUTRAS RECEITAS	62.568	3,0	22.007	2,9	559	1,1	5.305	2,3	34.540	3,3	157	30,9
(-) DESPESAS GERAIS	302.201	14,5	126.686	16,6	1.102	2,2	54.226	23,2	112.640	10,7	7.547	1.485,6
(-) ENC. FINANC. LIQ.	19.898	1,0	32.338	4,2	3.442	6,8	4.090	1,7	1.378	0,1	(21.350)	(4.202,7)
RESULTADO OPERACIONAL	24.395	1,1	(29.518)	(3,8)	4.544	8,9	800	0,4	34.524	3,4	14.045	2.764,7

INFORMAÇÕES CONTÁBEIS EMPRESAS SUBSIDIÁRIAS – SETEMBRO/86

EM 1.000

RUBRICAS	COTRICIA		IRFA		COTRIDATA		BOM PASTOR		TRANSCOOPER		COTRISEGURO		COTRICATMAN	
	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Cz\$	%	Us\$	%
ATIVO														
CIRCULANTE	52.331	48,1	15.479	39,9	4.280	60,4	2.825	39,4	2.139	47,0	733	86,0	2.201	53,6
REALIZÁVEL A LONGO PRAZO	13.321	19,8	5.392	13,9	-	-	-	-	24	0,5	-	-	1.901	46,4
PERMANENTE	21.541	32,1	17.929	46,2	2.801	39,6	4.343	60,6	2.386	52,5	119	14,0	-	-
TOTAL ATIVO	67.193	100,0	38.800	100,0	7.081	100,0	7.168	100,0	4.549	100,0	852	100,0	4.102	100
PASSIVO														
CIRCULANTE	29.445	43,8	3.816	9,8	1.752	24,7	736	10,2	767	16,8	71	8,3	6.866	167,3
EXIGÍVEL A LONGO PRAZO	46.373	69,0	11.843	30,5	16	0,3	381	5,3	-	-	-	-	-	-
PATRIMÔNIO LÍQUIDO	(8.625)	(12,8)	23.141	59,7	5.313	75,0	6.051	84,5	3.782	83,2	781	91,7	(2.764)	(67,3)
TOTAL PASSIVO	67.193	100,0	38.800	100,0	7.081	100,0	7.168	100,0	4.549	100,0	852	100,0	4.102	100,0
DEMONSTR. DE RESULTADO														
REC. VENDAS / SERVIÇOS	43.521	100,0	19.582	100,0	12.360	100,0	5.299	100,0	31.985	100,0	1.275	100,0	2.025	100,0
(-) CUSTO VENDAS / SERVIÇOS	39.460	90,6	9.717	49,6	9.508	77,0	4.777	90,2	28.577	89,3	681	53,4	2.022	99,8
RESULTADO BRUTO	4.061	9,4	9.865	50,4	2.852	23,0	522	9,8	3.408	10,7	594	46,6	3	0,2
(+) OUTRAS RECEITAS	666	1,5	1.565	8,0	649	5,2	226	4,3	278	0,8	47	3,7	22	1,1
(-) DESPESAS GERAIS	5.207	12,0	6.332	32,3	1.643	13,3	350	6,6	2.417	7,6	4	0,3	3	0,2
(-) ENC. FINANC. LIQ.	+2.467	5,6	4.601	23,5	58	0,5	10	0,2	141	0,4	1	0,1	442	21,8
RESULTADO OPERAC.	1.987	4,5	497	2,6	1.800	14,4	388	7,3	1.128	3,5	636	49,9	(420)	(20,7)
(-) PROV. IMP. DE RENDA	-	-	-	-	455	3,7	-	-	-	-	-	-	-	-
CORREÇÃO MONETÁRIA	2.972	6,8	1.426	7,3	499	4,0	-	-	657	2,0	16	1,2	-	-
RÉDITO	(985)	(2,3)	(929)	(4,7)	846	6,8	388	7,3	471	1,5	620	48,7	(420)	(20,7)

Dual® no plantio tardio da soja. Solução a jato, sem perda de tempo.



DUAL dispensa incorporação.
DUAL é ganho de tempo.
DUAL tem amplo controle sobre as gramíneas.
DUAL ajuda a prevenir a erosão.
DUAL poupa maquinário e diesel.

DUAL 720 EC - Produto registrado na DIPROF/SDSV/MA sob o nº 010482.

CIBA-GEIGY
QUÍMICA AGRÍCOLA

10717/86

® Marca Registrada

Óleo de palma x óleo de soja

Uma das grandes dificuldades na formação de bons preços para o grão de soja a nível mundial é, atualmente, o preço do óleo. Este derivado, resultante do esmagamento do grão (de cada grão de soja esmagado tiramos em média 18,5 por cento de óleo e 78 por cento de farelo), está com o seu preço atualmente reduzido em 29 por cento com relação ao mês de outubro de 1985 (13,87 centavos de dólar/libra em 14.10.86 contra 19,50 centavos de dólar/libra em 15.10.85) na Bolsa de Chicago.

Esta realidade se explica evidentemente pela grande oferta de grãos de soja no mercado mundial (os Estados Unidos estão anunciando uma revisão em alta nas previsões de sua atual colheita de soja que deverá ficar em 54,2 milhões de toneladas este ano). Mas ela se explica principalmente pela forte oferta de óleo no mercado. E, esta oferta não se deve somente ao óleo de soja. Ela existe em função igualmente de outros óleos concorrentes como é o caso do óleo de girassol, da colza e mais recentemente o óleo de palma. O avanço na conquista de mercados por parte deste último óleo é tamanho que nos leva, neste espaço, a fazermos uma análise do seu mercado.

MALÁSIA: O GRANDE PRODUTOR

Em 1960 a produção mundial de óleo de palma foi de 1,3 milhão de toneladas contra 3,3 para o óleo de soja. Isto representava respectivamente 8,2 por cento e 20,9 por cento do total mundial de óleos vegetais produzidos naquela época.

Atualmente as previsões dão conta de uma produção mundial de óleo de palma em torno de 8 milhões de toneladas contra 14,3 para o óleo de soja. Isto representa respectivamente 18,4 por cento e 33 por cento do total mundial de óleos vegetais. Isto significa também que neste período de 26 anos a participação do óleo de palma na produção mundial aumentou em 124 por cento enquanto a do óleo de soja aumentou 58 por cento.

Além disso, a nível do consumo mundial, o óleo de palma já ocupa o segundo lugar (7 milhões de toneladas segundo as previsões para 1986), atrás apenas do óleo de soja (14,2 milhões de toneladas).

Esta grande ameaça, vista pelos olhos de quem aposta na soja, vem das regiões da Malásia e Indonésia. Atualmente 80 por cento da produção mundial sai

desta região asiática, sendo que a Malásia responde sozinha por 64 por cento do total mundial.

É por isto aliás que a Bolsa de Mercadorias de Kuala Lumpur, capital da Malásia, é muito comentada nestes tempos.

PRODUÇÃO RECORDE EM 1986

Na Malásia a produção de óleo de palma deverá alcançar um novo recorde este ano: 4,8 milhões de toneladas contra 3,187 milhões em 1985. Isto é, 1 milhão de toneladas a mais em um ano. A produção nestes últimos meses o comprova: 405 mil toneladas em julho (+ 17 por cento sobre junho); 422 mil toneladas em agosto (+ 4,2 por cento sobre julho).

Esta realidade leva a uma forte exportação no mercado mundial pois a Malásia consome apenas 10 por cento de sua produção total. Assim, em 1985 este país vendeu 3,434 milhões de toneladas de óleo de palma (8 por cento mais que em 1984) e entre janeiro e abril deste ano de 1986 suas exportações já alcançaram 1,33 milhões de toneladas, isto é, 16,7 por cento acima do que foi exportado nos quatro primeiros meses de 1985.

Por outro lado, a Indonésia, como segundo produtor mundial alcança uma produção de 1,3 milhão de toneladas em 1986. Como seu consumo interno é de apenas 9 por cento deste total, suas exportações deverão ficar em 600 mil toneladas neste ano.

O V Plano de Desenvolvimento da Malásia (com término previsto para 1990) prevê para o setor, ganhos de produtividade e aumento do plantio da palma naquele país. Assim, sua produção deverá chegar a 5,7 milhões de toneladas ao final dos anos 80 e poderá alcançar no ano 2.000 a 9 milhões de toneladas.

Os planos dos indonésios não são diferentes dos malaios. As previsões indicam uma produção de 2,1 milhões de toneladas já em 1988 e de 4,2 milhões de toneladas em 1990.

Desta forma, somente estes dois países asiáticos deverão produzir juntos, daqui a 4 anos, algo em torno de 9,9 milhões de toneladas, isto é, 24 por cento e 62 por cento respectivamente do atual total mundial e do atual total de suas produções conjuntas.

O ÓLEO DE SOJA É ATINGIDO EM CHEIO

Pelo menos em dois pontos o óleo de soja é atingido diretamente por este forte concorrente.

Primeiro, as suas exportações baixam sensivelmente enquanto as de óleo de palma sobem. Em 1983/84 as exportações mundiais de óleo de soja atingiram 3,99 milhões de toneladas. Em 1985/86 elas ficaram em 3,51 milhões de toneladas, isto é, uma queda de 12 por cento. No mesmo período as exportações de óleo de palma passaram de 4,16 a 4,97 milhões de toneladas, isto é, um aumento de

19,5 por cento.

Segundo, que aliás explica o primeiro ponto, os países compradores de óleo de palma são geralmente os mesmos compradores do óleo de soja. Por exemplo, o Iraque, a Nigéria e a Arábia Saudita representam 450 mil toneladas de importação de óleo de palma por ano. O Paquistão, forte importador de óleo de soja, já é o segundo maior importador de óleo de palma. Comprou tanto no último ano que foi obrigado a exportar uma parte substancial do que tinha comprado. Enfim, a Índia, grande importador de óleo de soja (668 mil toneladas em 1980) importa atualmente 12 por cento do total das importações mundiais de óleo de palma contra apenas 5 por cento dez anos antes. E o mais inquietante, ela baixa suas importações totais de óleos (menos de 1 milhão de toneladas em 1986, sendo em torno de 400 mil em soja, contra 1,3 milhões em 1985), para desenvolver sua própria produção local de óleos vegetais.

Em resumo, o óleo de palma ocupa certos espaços importantes que eram do óleo de soja, aproveitando de seu preço mais baixo no mercado mundial (graças ao fato da palma ser uma cul-

tura perene e a mão-de-obra ser barata nestes países asiáticos). Atualmente o óleo de palma está sendo negociado no mercado mundial a 190 dólares a tonelada enquanto o óleo de soja custa em torno de 305 dólares a mesma tonelada (base cotação na Bolsa de Chicago). Isto significa dizer que o óleo de soja custa atualmente 60 por cento mais caro que o óleo de palma.

TENDÊNCIAS

Esta diferença de preço joga de forma decisiva em favor do óleo de palma embora, sua baixa qualidade em relação ao de soja.

Entretanto o consumo não tem crescido. O fato é que os países compradores e consumidores, na sua grande maioria, são países do chamado Terceiro Mundo. Em outras palavras, que não possuem muito dinheiro para gastar e que sofrem atualmente a crise econômica mundial de forma mais intensa que qualquer outra parte do mundo.

De um lado os preços do petróleo baixam, deixando por exemplo o Iraque, a Arábia Saudita e a Nigéria em sérias dificuldades de caixa. Por outro lado, países como a China e os Estados africanos não puderam au-

mentar seu consumo pois não tinham condições financeiras para pagar. Isto que os preços dos óleos, nos últimos meses, caíram violentamente (e não foi apenas o da soja já que o próprio óleo de palma teve seu preço reduzido de 490 dólares a 190 dólares a tonelada no último ano). A própria URSS, que importa atualmente 300 mil toneladas de óleo de palma, começa a colocar em dúvida suas importações devido a falta de uma maior entrada de recursos em seu território.

Assim, já que a produção não pára, os estoques de óleo de palma deverão crescer significativamente pressionando ainda mais os preços para baixo. Segundo previsões feitas pela renomada publicação alemã Oil World, os estoques finais em óleo de palma entre 1983 e 1987 deverão ficar, em média, em torno de 1,1 milhão de toneladas, isto é, 20 por cento dos estoques gerais de óleos vegetais no mundo e 204 por cento do que existia há dez anos. Somente na Europa (que não produz nada e consome apenas em torno de 10 por cento do total mundial consumido em óleo de palma) os estoques deste óleo alcançam hoje o recorde de 70 mil toneladas.

A situação é grave

Sem dúvida nenhuma a situação é grave e a oferta crescente explica em muito esta baixa de preços, que deverá continuar. Entretanto, por trás de tudo isto está a crise econômica mundial e a conseqüente falta de dinheiro para os países, em especial os mais pobres, consumirem. Como a solução para este segundo caso é difícil e demorada, para não dizer remota, a solução se apresenta mais pelo lado do controle da produção e da oferta dos

produtos. Como aí também ninguém deseja ser o primeiro, a guerra comercial está aberta (a última reunião do GATT em Punta del Este, no Uruguai, em setembro passado, está aí para provar) e os países que possuem recursos, como os Estados Unidos e a CEE (Comunidade Econômica Européia), mostram suas armas: fortes subvenções à comercialização sem penalizar em muito seus produtores. Um novo processo de seleção em marcha, a nível

mundial. Uma nova divisão internacional do trabalho à base da eliminação de quem produz sem eficiência econômica. O clássico mecanismo liberal ao qual o atual presidente dos Estados Unidos se agarra de unhas e dentes procurando convencer o ocidente de que este será o melhor caminho econômico para o mundo. Para os Estados Unidos talvez, mas e para o óleo de soja brasileiro ou o óleo de palma da Malásia, o será também?

VOCÊ QUER TER UM CONTROLE TOTAL DAS ERVAS EM PLANTIO DIRETO?

Para o controle total das ervas, conte com a ICI. É só usar Gramocil antes do plantio e Flex e Fusilade em pós-emergência. Se você ainda tem alguma dúvida, consulte a ICI. Afinal, foi ela que criou e que mais entende de Plantio Direto no Brasil.



ICI Brasil S.A.

Rua Verbo Divino, 1356 - CEP 04719 São Paulo - SP.

As atividades do trimestre

Nos meses de julho, agosto e setembro, a equipe de Desenvolvimento em Recursos Humanos da Cotrijuf na Regional Pioneira realizou 266 reuniões, envolvendo um total de 5.867 participantes. Estas reuniões atingiram associados e seus familiares — esposas e filhos —, estudantes e visitantes.

Em julho as atividades estiveram mais direcionadas para a organização e discussão do processo de eleição dos novos representantes do quadro social e a comemoração dos 29 anos da Cotrijuf. Apenas na Pioneira foram realizadas um total de 140 reuniões (ver quadro 1) para discutir o processo de Estrutura do Poder, atingindo 2.770 participantes. Nessas reuniões discutiu-se a importância do associado dentro da cooperativa; o sentido econômico e político da instituição e a Estrutura do Poder em si. Também foi a oportunidade de fazer uma maior divulgação e organização das eleições através da escolha dos mesários, do roteiro das urnas, entre outros assuntos que se faziam importantes na ocasião.

Essa última eleição para a escolha dos novos representantes mostrou que o associado vem, a cada dia, acreditando na Estrutura do Poder como a verdadeira forma de participação na cooperativa. Ele vem buscar na sua cooperativa o canal de transformação da agricultura mercantilista em uma agricultura mais estável e diversificada. E apesar da chuva que caiu durante todo o dia da eleição, o percentual de votação chegou a 45,06 por cento dos associados aptos a votar. A renovação do quadro de representantes ficou ao redor dos 70 por cento. Esse percentual

alto de renovação vem demonstrar claramente o interesse do associado em ter uma participação ativa na vida política da Cooperativa.

Ainda nesse mesmo período e em comemoração aos 29 anos da Cotrijuf, foram realizados cursos de cooperativismo em quase todas as Unidades da Pioneira, com o objetivo de levantar a discussão em torno do sentido da prática cooperativa e da participação política e econômica do produtor associado à Cooperativa. As unidades de Ijuí, Tenente Portela e Jóia organizaram Feiras de Produtos Coloniais, com a participação de um total de 26 comunidades, arrecadando um valor de Cz\$ 57.400,00. O sucesso da Feira fez com que a unidade de Jóia realizasse feiras mensais contando, sempre, com a participação de um núcleo a cada mês.

OUTRAS REUNIÕES

Além das reuniões específicas para discutir a Estrutura do Poder e a organização das Feiras ainda foram organizadas outros encontros envolvendo associados e seus familiares, visitantes e lideranças da comunidade (ver quadro 2). Nesses encontros se discutiu a aplicação dos 25 por cento do Funrural; Ações Integradas de Saúde; situação econômica e financeira da Cotrijuf; situação da CCGL; diversificação; pacote rural; plano de metas; política agrícola; comercialização; diversificação até o V Encontro de Integração das Famílias associados.

OS FUNCIONÁRIOS

Os funcionários da Cotrijuf também foram atingidos pelo trabalho do pessoal da área de Recursos Humanos. A equipe de Educação cooperativa realizou,

nesse período, 41 reuniões, envolvendo um total de 866 funcionários. Assuntos tratados nas reuniões: Estrutura do Poder e eleição dos novos representantes; Recursos humanos e situação da Cotrijuf, cooperativismo e estrutura organizacional da Cotrijuf; comercialização; programa de simplificação da Cotrijuf, entre outros assuntos.

A equipe de treinamento, por sua vez, organizou nesses três meses 72 reuniões que contaram com a participação de um total de 1.752 funcionários.



Foram realizadas 266 reuniões com o quadro social

Quadro 1 — Reuniões sobre Estrutura do Poder

Unidade	Nº Reuniões	Participantes	Média
Ijuí	32	563	17
Ajuricaba	31	838	27
Augusto Pestana	11	293	26
Chiapetta	06	71	12
Coronel Bicaco	10	183	18
Santo Augusto	15	251	17
Tenente Portela	16	343	21
Jóia	19	228	12
TOTAL	140	2.770	20

Quadro 2 — Reuniões com lideranças

	Nº Reuniões	Participantes			Média
		H	M	Total	
Representantes:					
— Comercialização —	01	104	—	104	104
— Posse novos Representantes —	01	153	—	153	153
— Mensais nas unidades	20	352	14	366	18
Lideranças associados	01	19	12	31	31
Lideranças de esposas e filhas de associados	06	37	120	157	26
Comissão de saúde	01	19	06	25	25
— AIS	03	65	—	65	21
Conselho Produtor:					
— Suínos	01	17	02	19	19
— Consumo	01	06	01	07	07
— Hortigranjeiro	01	05	—	05	05
TOTAL	36	777	155	932	26

O valor do mamão

Rosani Ottonelli

O mamão é natural da América, cultivado originalmente no México, mas no Brasil é conhecido desde 1607, quando foi plantado na Bahia. É uma fruta rica em valor nutritivo devido ao alto teor em vitaminas A, C, Complexo B, proteínas, açúcar, ácido cítrico, ácido málico, ácido oxálico, cálcio, ferro, fósforo, sódio, potássio e a fantástica enzima papaína que atua diretamente no processo digestivo.

O grande valor do mamão está no fato de ser um agente digestivo, atuando contra a fermentação pútrida intestinal. Esta fermentação pode ser provocada por excesso de proteínas na alimentação ou pela má preparação e mastigação dos alimentos. Ou então ainda pode ocorrer por insuficiência secretora do estômago. Nestas circunstâncias, fica formada, no interior do intestino, uma massa de produtos putrescíveis, favorecendo duplamente a ação das bactérias que digerem as proteínas e a formação do aminoácido e compostos cítricos. Estes compostos atuam irritando a parede da mucosa intestinal, aumentando, com isso, o movimento intestinal e gerando, conseqüentemente, a diarreia. E o mamão, por sua composição nutritiva, neutraliza todo esse processo.

APROVEITAMENTO DO MAMÃO

Do mamoeiro, tudo pode ser aproveitado. As suas sementes, seus frutos, o caule, o látex, as raízes e as suas flores.

- As sementes cruas ou torradas e moídas, misturadas com mel, possuem ação vermífuga. Nos casos de diverticulite e diverticulose (bolsinhas do intestino grosso), as sementes de mamão são contra indicadas.

- A polpa do mamão é ótima para pacientes portadores de úlcera péptica, gota, obesidade e diabetes. Nos casos de constipação crônica o mamão é excelente para regularizar a função intestinal. Também é utilizado como cosmético para o tratamento de pele.

- O Centro medular do tronco do mamoeiro raspado e seco, é um alimento tão nutritivo e gostoso quanto o coco ralado. Pode ser aproveitado no preparo de rapaduras.

- O látex — leite — extraído do mamoeiro, também é utilizado como vermífugo, desde que diluído em meia xícara de água e adoçado com mel.

- As raízes cozidas, além de apresentarem propriedades vermífugas, constituem um excelente tônico para os nervos.

- Rosani Ottonelli é nutricionista na Unidade de Santo Augusto.

Este caminhão já rodou 1 milhão de km sem abrir a máquina.



Caminhão Mercedes 77 - Proprietário: Clair Marques Correia - Motorista: Deneval Batista de Souza.

Adivinhe qual é o óleo?

MD-400, o lubrificante da Petrobras, continua dando shows e mais shows nas estradas da vida. Desta feita, um caminhão pertencente à Transmarques, de Volia Redonda, já rodou nada mais, nada menos que 1 milhão de quilômetros sem abrir a máquina, e ainda tem muito chão pela frente. Ninguém precisa pensar muito



para descobrir que o óleo usado foi o consagrado MD-400 da Petrobras. Este é mais um exemplo da alta qualidade do MD-400, uma garantia para os motores diesel. Você também pode atingir essa marca. É só usar no motor do seu caminhão MD-400 para uma boa e tranquila viagem.



MD-400. Esta é a sua nova roupa de briga.

CALENDÁRIO



UNIMED - IJUÍ
SOCIEDADE COOPERATIVA DE SERVIÇOS
MÉDICOS LTDA.

PLANO COOPERATIVO DE SAÚDE COTRIJUI-UNIMED

Os associados da Cotrijuí que desejarem participar do Plano Cooperativo de Saúde Cotrijuí-Unimed, poderão inscrever-se no período de 01.12.86 a 15.12.86, nas Unidades em que entregam sua produção.

O Plano oferece ampla assistência médica e hospitalar, com direito do usuário escolher médicos, laboratórios, hospitais e clínicas de sua confiança nos 34 municípios da área de ação da UNIMED que conta atualmente com 303 médicos, 36 hospitais e 34 laboratórios.

O Plano oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

1 - Consultas com todos os médicos da área Pioneira da Cotrijuí, num total de 286 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área.

2 - Exames laboratoriais; atendimento por 34 laboratórios;

3 - Exames especializados; eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anatomopatológicos, entre outros;

4 - Fisioterapia;

5 - Exames de Raio X;

6 - Atendimento de urgência diretamente nos pronto-socorros;

7 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo, quando houver acoplamento com o INAMPS, englobando todas as áreas médicas: clínica, cirurgia e obstetrícia (partos e cesareanas);

8 - Medicamentos hospitalares: quando a internação hospitalar ocorrer exclusivamente através da UNIMED.

Maiores informações sobre o Plano, com complementação de honorários em acomodação hospitalar superior com ou sem acoplamento com o INAMPS, carência, etc., encontram-se no Folheto Cotrijuí-UNIMED à disposição nas Unidades da Cooperativa.

Os usuários podem utilizar a assistência odontológica em Ijuí pelo sistema de Serviços Prestados, pagando o custo pela Tabela da Uniodonto Centro Oeste - Sociedade Cooperativa de Serviços Odontológicos Ltda.

O sistema funciona da seguinte maneira:

1 - O usuário, de posse da Carteira de Beneficiário da UNIMED, se dirigirá ao dentista de sua escolha que fará o orçamento do tratamento a ser realizado;

2 - De posse do orçamento, o usuário se dirigirá a UNIMED, onde pagará previamente o custo orçado.

O sorgo na alimentação de aves

O desenvolvimento do setor avícola impulsionou o crescimento da indústria de rações e, com isto, houve um aumento na necessidade de matéria-prima para a produção de rações. Como estas rações são compostas basicamente de milho como fonte energética, foi preciso sair em busca de outras fontes que pudessem substituí-lo. A fonte energética é um dos componentes mais onerosos na fabricação de rações. Na procura de outras fontes de energia, o Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves - CNPSA -, com sede em Concórdia, Santa Catarina, andou estudando a utilização do sorgo como fonte de energia em rações para frangos de corte. Os pesquisadores concluíram que, desde que o preço do sorgo seja economicamente viável, ele pode ser empregado na fabricação de rações para frangos de corte, mesmo que ocorra um decréscimo no ganho de peso. O valor nutritivo do sorgo é praticamente igual ao do milho e a maior diferença encontrada pelos pesquisadores entre os dois produtos está no nível de energia do sorgo, que é um pouco mais baixo e no teor de xantofilas, que praticamente não existe.

CTC EM MS

Área para pesquisa

Os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pela Cotrijuí em Mato Grosso do Sul terão novo impulso com a compra, pela cooperativa, de uma área de 25 hectares, próxima a cidade de Maracaju. O agrônomo Carlos Pitol, responsável pelas atividades, disse que a nova área vem atender uma aspiração não só do setor de pesquisa como também da própria Cooperativa, que assim terá melhores condições para desenvolver atividades de pesquisa e experimentação agropecuária que se fazem necessárias para que a Cotrijuí torne realidade as idéias de diversificação.

Até então, os trabalhos de pesquisa e experimentação vinham sendo desenvolvidos em uma área de 10 hectares, localizada próxima a unidade de Maracaju. Esta área não satisfazia mais as necessidades do setor, tendo em vista o grande volume de trabalhos realizados e, principalmente, não se poder investir em estrutura de suporte à pesquisa, por ser arrendada.

A nova área, segundo Pitol, possui tipos de solos representativos dos utilizados pela agricultura em Mato Grosso do Sul. A intenção é de destinar 60 por cento da área para trabalhos de pesquisa e experimentação voltados para a agricultura, com os 40 por cento restantes destinados para a pecuária.

A nível de agricultura, as atividades serão iniciadas de acordo com as prioridades definidas pelo próprio quadro social e da capacidade de desenvolvimento dos trabalhos. Os primeiros trabalhos de pesquisa e experimentação serão implantados já na

próxima safra de verão, mas a ocupação efetiva da área se dará só a partir da safra de inverno. Quanto a pecuária, a intenção é de se desenvolver trabalhos envolvendo a pecuária de corte, avicultura, suinocultura, piscicultura e apicultura.

EXPANSÃO

A área de pesquisa permitirá o desenvolvimento de trabalhos de experimentação com culturas agrícolas importantes na região ou de interesse da cooperativa, facilitando inclusive sua difusão ao quadro social através de dias de campo, reuniões técnicas e a instalação de campos demonstrativos a nível de produtor.

Para o quadro técnico da Cooperativa, a área servirá de local de atualização, treinamento e aperfeiçoamento, melhorando assim a qualidade da assistência técnica prestada aos produtores associados.

As atividades de pesquisa visarão principalmente a avaliação de material genético das grandes culturas; a pesquisa de culturas importantes para a implantação de uma cerealista; pesquisa com trigo, aveia, cântamo e culturas leguminosas para adubação verde, pesquisas com culturas alternativas de inverno, para cobertura do solo; e trabalhos específicos na área de conservação e melhoramento do solo. Trabalhos do gênero já vinham sendo realizados na área arrendada e em algumas propriedades de associados, podendo agora serem centralizados e ampliados.

A conservação de solo em Jóia

Décio Luiz Cassol

A conservação do solo é um assunto importante e do qual o Cotrijournal tem dedicado grandes espaços. Por essa razão, estamos abordando alguns aspectos relacionados com a conservação de solos no município de Jóia. De saída, é preciso salientar os contrastes verificados quanto a ocupação territorial. De um lado - representando a menor área - aparece a maioria das propriedades dos pequenos e médios produtores, ocupando um espaço que anteriormente estava reservado às matas nativas. Do outro, está a região de campanha, com grandes extensões de terra e menor número de propriedades.

Mas apesar de Jóia ser um município novo, os problemas com o solo, em ambas as situações, são altamente preocupantes. Observando estes aspectos, seria impossível conceber que um número pequeno de técnicos da cooperativa, de forma isolada, conseguisse desenvolver um programa amplo de conservação de solo que atendesse as necessidades do município. Até o momento os trabalhos vinham sendo conduzidos de forma a atender algumas propriedades, sem, no entanto, procurar minimizar os problemas. A deterioração das condições de solo vem aumentando acentuadamente e comprometendo os investimentos realizados.

Buscando alcançar maior abrangência de atuação e procurando acelerar a conscientização necessária para que os

crimes contra o solo e a natureza sejam minimizados, aconteceu, algum tempo atrás, um encontro com as chamadas "forças vivas" do município para que se interessassem da situação e discutissem formas de encaminhamento de propostas com o intuito de reverter o quadro atual. Praticamente todos os segmentos da comunidade se fizeram presentes, bem como um bom número de produtores interessados no assunto. Afim de proporcionar maiores subsídios à discussão, participaram do encontro o agrônomo e gerente do Centro de Treinamento da Cotrijuí, Rivaldo Dhein e o técnico agrícola da Unidade de Ijuí, Pedro Pitol. Eles falaram sobre a conservação de solo em si e do programa em desenvolvimento no município de Ijuí.

A importância maior do encontro pode ser observada no momento da discussão propriamente dita. Os depoimentos ressaltaram a necessidade de incutir uma maior conscientização nas pessoas, iniciando pelas escolas, haja vista que a economia do município depende exclusivamente da agropecuária, onde o solo é fator decisivo no aumento da produtividade e, em consequência, de arrecadação. Também ficou bem claro que o trabalho precisa ser mais amplo, sem pensar unicamente na construção de terraços como forma de conservação de solo. Em razão da complexidade de fatores, se faz necessário planejar e executar adequadamente todas as operações a nível de lavoura.

Como ponto de partida, acreditamos que parte dos objetivos a que nos propusemos foram alcançados. A opinião dos presentes, tanto de lideranças como de produtores -, evidenciou a necessidade de maior mobilização e engajamento de todos os setores para que não sejamos meros assistentes de um processo de destruição embora saibamos que, a nível de política governamental, pouquíssimos recursos estejam sendo mobilizados para esta área. Definiu-se também, na oportunidade, a formação de uma Comissão Municipal, com o objetivo de elaborar um programa onde fossem definidas as formas de atuação de todos os setores.

Entendemos que o grande desafio, agora, será manter todo esse pessoal mobilizado, procurando determinar urgentemente as prioridades, dentre as quais deverá constar a escolha de uma área piloto, onde possa acontecer a implantação da proposta com o devido acompanhamento e visualização dos resultados práticos. Evidentemente que o agricultor precisará colaborar e participar ativamente para que juntos, possamos definir formas de condução da lavoura de tal maneira que o solo, indefinidamente, continue exercendo a sua verdadeira finalidade, que é a de produzir alimentos durante as gerações futuras.

• O Décio Luiz Cassol é engenheiro agrônomo ligado ao departamento técnico da unidade de Jóia.



O Seminário reforçou a necessidade do cooperativismo buscar espaços na Constituinte

Foto "O Interior"

Recuo dos conservadores

O cooperativismo pode estar demonstrando avanços, quando da abordagem dos temas políticos de interesse do sistema. Mas ainda comete recuos e faz prevalecer posições conservadoras em alguns casos, como acontece quando a questão enfocada é a reforma agrária. Em Caxias do Sul, a comissão que debateu a reforma manteve muitas das propostas que reforçam esse conservadorismo e colocam em minoria posições mais arejadas do sistema.

Ficou evidente, durante os trabalhos da comissão, que ainda há muito conflito de opinião, entre as lideranças das cooperativas, em torno da reforma agrária. Mas também ficou claro que, na hora de pesar essas posições, fala mais alto a voz dos que viram as costas a avanços nessa área. Se não fosse assim, propostas consideradas progressistas, rejeitadas pela maioria dos 22 integrantes da comissão, teriam chegado a plenária de encerramento do seminário.

PROPOSTAS

Entre as propostas rejeitadas, duas são representativas do que aconteceu durante o trabalho de grupo. Alguns dirigentes chegaram a sugerir que as cooperativas assumissem a sua parte na tarefa de contribuir para a mobilização em favor da reforma no Estado. A sugestão não passou. Também não ganhou a adesão da maioria uma segunda proposta, que defendia a desapropriação como instrumento prioritário para início de implantação da reforma agrária. Prevaleceu aí outra saída: a concessão de crédito fundiário para a compra de terras.

No geral, ficou acertado que as cooperativas devem participar do processo de implantação da reforma no Rio Grande do Sul, mas somente depois de definidas as áreas a serem ocupadas. O apoio técnico, com assistência na lavoura, seria depois completado com o apoio à comercialização das safras. Também ganhou apoio, desta vez por unanimidade, uma sugestão no sentido de que se estimule as formas cooperativas de exploração das terras, mesmo que o produtor receba título individual de propriedade.

Promessas serão cobradas

Moisés Mendes

Nunca nos últimos anos o cooperativismo foi tão cortejado pelos políticos como acontece agora, quando os brasileiros escolhem seus candidatos com um olho na Constituinte.

Mas também desta vez, como não havia acontecido antes, o setor vai cobrar os retornos deste namoro, como ficou claro durante o VIII Seminário Gaúcho de Cooperativismo, realizado nos dias 16 e 17 de outubro em Caxias do Sul. O seminário reforçou a expectativa dos dirigentes do sistema, em torno dos compromissos que os políticos assumiram durante a campanha eleitoral, e terá seus efeitos notados após 15 de novembro.

Segundo Adelar da Cunha, presidente da Ocergs — Organização das Cooperativas do Rio Grande do Sul, o seminário deste ano deve ser interpretado como "um novo marco para o cooperativismo gaúcho". Circularam em Caxias do Sul 11 (onze) candidatos a Constituinte, de um total de 174 políticos que assinaram a carta-compromisso da Ocergs, entre candidatos ao Senado, Câmara Federal e Assembleia Legislativa gaúcha.

FORÇA POLÍTICA

Esses 174 candidatos disputam um contingente de eleitores que Adelar da Cunha calcula em torno de 2 (dois) milhões de pessoas. São eleitores que estão

direta ou indiretamente ligados ao cooperativismo gaúcho, e que, nas últimas eleições, reconhecem, em muitos casos, terem jogado o voto fora. "Estamos — diz o presidente da Ocergs — finalmente reconhecendo nossa força econômica e política".

Para fazer valer os compromissos que constam da carta da Ocergs, a entidade passará a inverter os papéis, depois das eleições: o cooperativismo é que irá então cortejar os candidatos. De imediato, isso será feito com um seminário, com data ainda indefinida — mas que possivelmente aconteça em dezembro — em que dirigentes de cooperativas e políticos eleitos sentarão lado a lado e debaterão questões de interesses do sistema.

SUBSÍDIOS

"Vamos fornecer subsídios, com idéias para atuação dos parlamentares e, depois disso, passar a cobrar posições em favor do sistema", diz Cunha. A assessoria a senadores e deputados federais e estaduais será permanente, com a ajuda de advogados ligados ao cooperativismo, para que a cobrança não se esgote no seminário. A Ocergs pretende acompanhar de perto as atividades no congresso, mesmo depois da elaboração da nova Constituição.

Para Vergílio Perius, superintendente da Ocergs, essa atribuição dada a Ocergs pelas cooperativas, de acompanhar o trabalho dos parlamentares, fortalece a

entidade como órgão de representação política do sistema. Perius entende que a tarefa política da Ocergs foi definida durante o seminário de Caxias do Sul. "Essa postura — observa ele — aumenta nossa responsabilidade, pois no lugar de uma forte estrutura de apoio técnico, deveremos contar com uma boa sustentação política, a partir das próprias cooperativas, centrais e federações".

TEMAS

O avanço político, segundo Perius, aconteceu no seminário de Caxias do Sul, desde a escolha dos temas apresentados para debate, e que abriram o leque de assuntos, com a inclusão, entre outros, da reforma agrária e da própria Constituinte. No seminário anterior — relembra ele — realizado em Santa Maria, dos 13 temas debatidos, 11 (onze) foram técnicos, e somente dois tinham enfoque político. Desta vez, as seis comissões trataram de questões políticas.

"As lideranças do setor — continua Perius — também reconheceram este ano, em Caxias, com muita humildade, as falhas cometidas". Isso, para ele, é uma das tantas provas de maturidade que as lideranças do sistema vem oferecendo, e que exclui o controverso conceito de neutralidade, responsável, por tantos anos, pela omissão — ou participação adésista de dirigentes e associados de cooperativas, diante das grandes questões de interesse do setor.

COTRIJUI: HÁ 29 ANOS AO NOSSO LADO PARA O QUE DER E VIER.

Quem trabalha na agricultura sabe que pode contar com a Cotrijuí para plantar, colher e comercializar, porque ela está sempre ao seu lado, dando assistência técnica, facilitando crédito, insumos, armazenando seus grãos e mantendo lojas e supermercados, com preços acessíveis aos seus associados.




COTRIJUI



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

Coordenação Maria Aparecida Pereira Mendes

O Menino Azul
Cecília Meireles

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule,
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer.

O menino quer um burrinho
que saiba inventar
histórias bonitas
com pessoas e bichos
e com barquinhos no mar.

E os dois sairão pelo mundo
que é como um jardim
apenas mais largo
e talvez mais comprido
e que não tenha fim.

(Quem souber de um burrinho desses,
pode escrever
para a Rua das Casas,
Número das Portas,
ao Menino Azul que não sabe ler.)

QUEM NÃO GOSTA ?

Quem não gosta de poesia? E ainda mais poesia de Cecília Meireles. O Menino Azul faz parte do livro "Ou Isto ou Aquilo", desta autora, infelizmente já falecida, mas que nos deixou uma obra belíssima. E você, gosta de fazer poesia? Se você faz poesia e as deixa na gaveta, é hora de tirá-las de lá e mandar para nós, que nós as publicaremos. Estamos esperando.

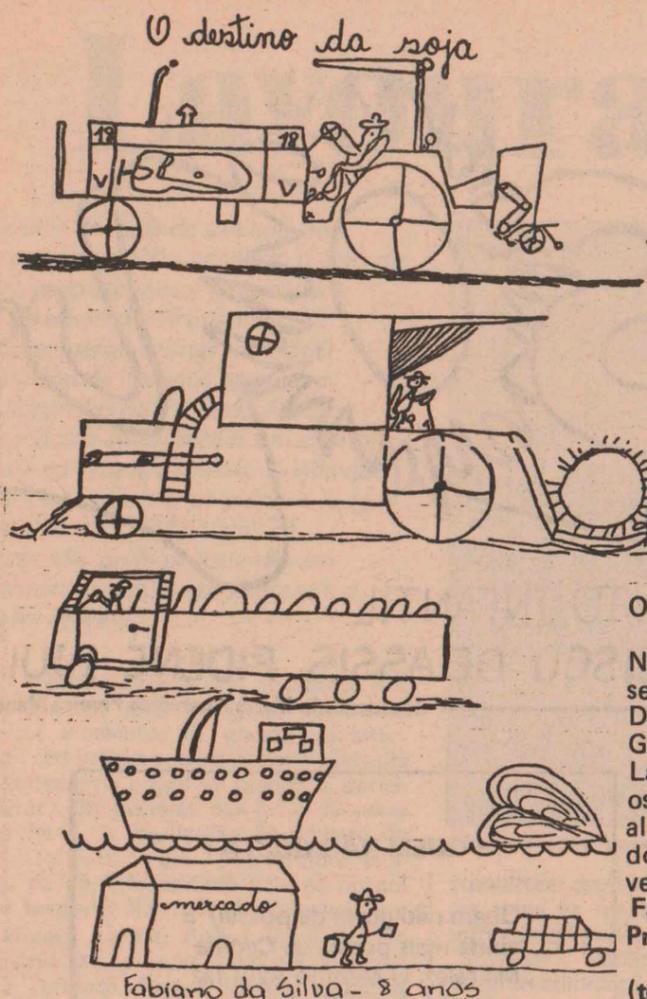
PROJETO PIONEIRO

A Secretaria Municipal de Educação e Cultura do Município de Jóia, desenvolve um projeto pioneiro de ensino no meio rural. É o Proespo — Proposta de Escola Pólo, que consiste basicamente numa tentativa de recuperação de valores, hábitos e costumes não só das crianças que residem na área rural, mas também de seus pais, professores e comunidade.

Através deste programa, crianças de 7 a 11 anos de idade, que freqüentam de 1ª a 4ª séries, passaram a receber aulas de práticas domésticas e agrícolas. Também lidam com

artesanato, recebem noções de higiene e até têm atendimento dentário gratuito. Lidam na lavoura, na horta e cuidam da fruticultura. Em sua edição de maio/junho o Cotrijornal fez uma reportagem onde conta como funciona a escola. A partir deste mês, o Cotrisol está mostrando o relato das crianças que participam do projeto. Vale a pena conferir. E as professoras, nosso abraço e incentivo pelo trabalho que estão realizando. Se vocês quiserem nos escrever, relatando o que fazem, como forma de socialização da experiência, terão espaço para isto. Um abraço. Cida.

Página do leitor



O destino da soja

O DESTINO DA SOJA

Nós plantamos a soja. Quando ela está seca, colhemos e levamos para a Cotrijuf. Da Cotrijuf, vai para o Porto de Rio Grande. Lá eles carregam nos navios e vai para os Estados Unidos, onde eles fabricam os alimentos e mandam para os mercados do Brasil e outros Países. Os mercados vendem para nós.

Fabiano da Silva - 3a. série - 8 anos
 Profa. Lúcia E. Conceição

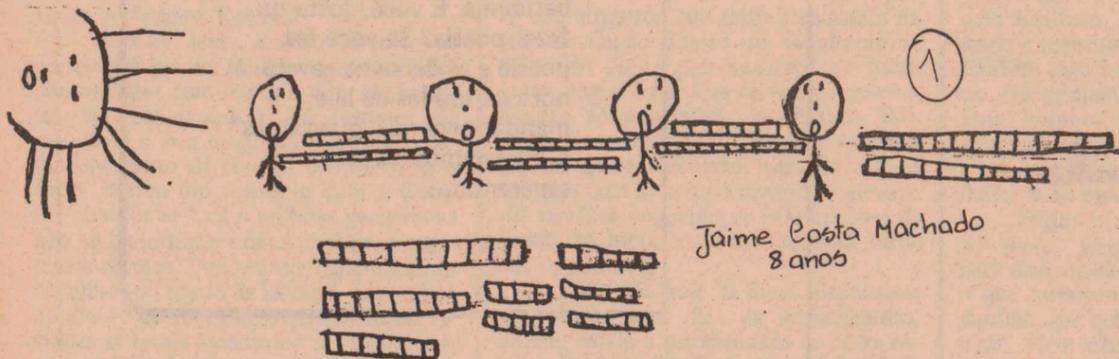
Fabiano da Silva - 8 anos

(tem ilustração)



Denise Zervieski
 10 anos

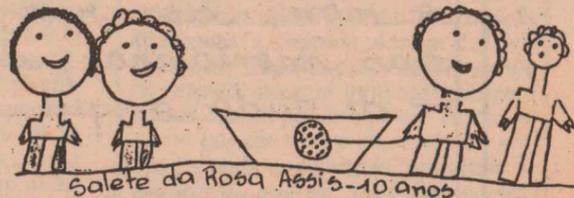
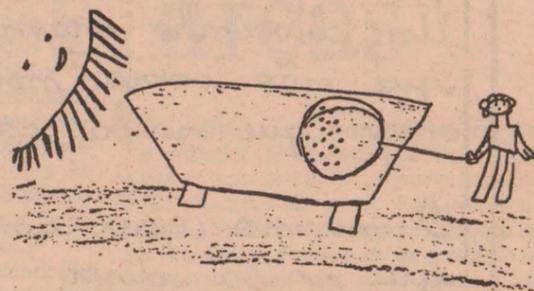
Nós, crianças, moemos a abóbora, a batata doce e a laranja máquina de moer carne, depois de tê-las cozinhado na garapa.
 Denise Zervieski - 10 anos



Jaime Costa Machado
 8 anos

Os alunos puxando a cana e colocando em um monte para depois moê-la com um trator.

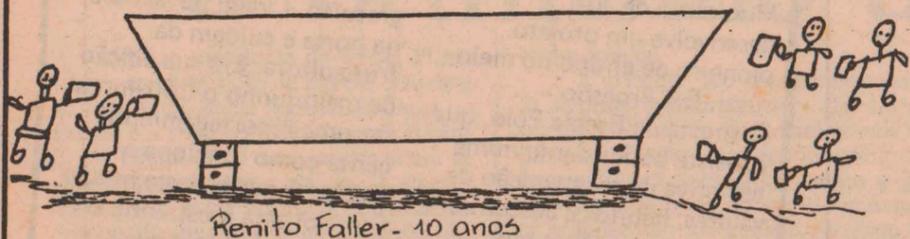
Jaime Costa Machado - 8 anos



Salete da Rosa Assis - 10 anos

Aqui estamos cozinhando a garapa que depois de muito fogo e ferver se transformou em melado. Daí colocamos a laranja, batata e abóbora. Estava pronta nossa schmier.

Salete da Rosa Assis - 10 anos



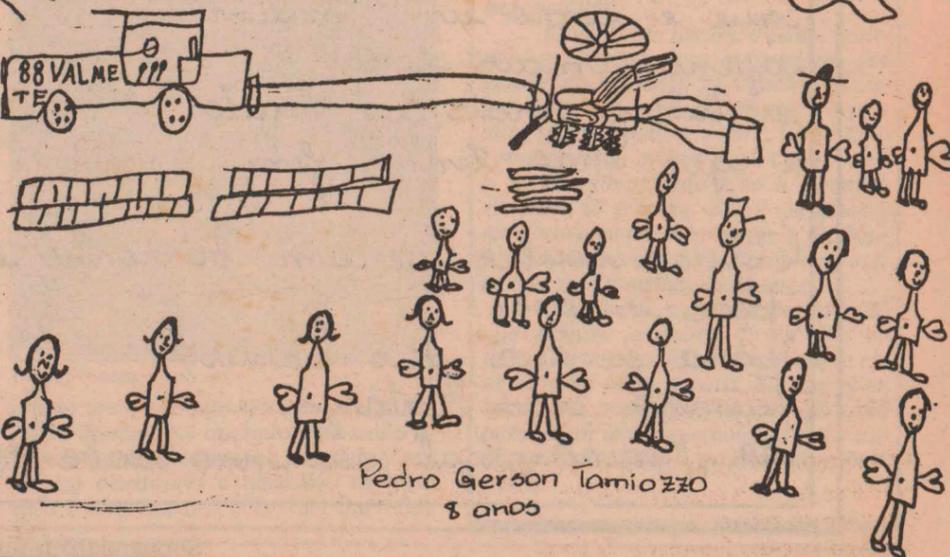
Renito Foller - 10 anos

Depois de moermos a cana e coar a garapa, bebemos à vontade.

Renito Foller - 10 anos

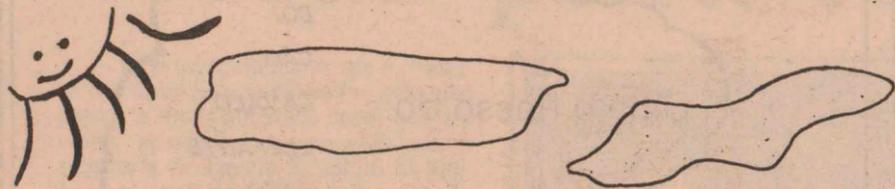
Com um trator e uma prensa, moemos a cana de-açúcar para fazer a schmier. O Doque colocava a cana na prensa e daí saía a garapa, que após era coada em um saco e colocada nos tachos.

Nós e as professoras ajudamos a moer a cana.
 Pedro Jerson Machado Tamiozzo - 8 anos

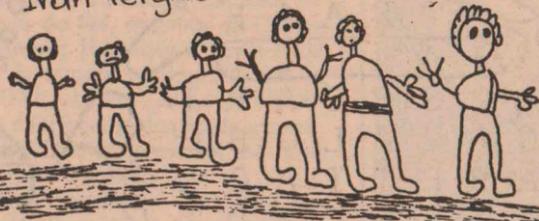


Pedro Jerson Tamiozzo
 8 anos

Os alunos da 2a. série da Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Cacique Sepé, de São Pedro do Pontão, de Jóia, realizaram o estudo sobre cana-de-açúcar. Foram feitas muitas atividades dentro deste estudo e eles nos relatam muito bem, através de seus desenhos e textos. Observem quantas coisas as crianças fizeram. Todas as atividades foram realizadas com a coordenação da professora Bete, na Escola-Pólo. Na escola Cacique Sepé, as crianças são alunas da professora Leni Marschner Ghisleni.



Ivan Vergílio Ghisleni - 8 anos



UM DIA NA ESCOLA PÓLO

Eu levanto cedinho.
Me lavo, tomo café.
Vou a minha escola.
Vou de "combi" até a Escola Pólo.
Escrevo e leio
Me alimento
Trabalho na roça.
Vou embora muito feliz.
Márcio José Conceição - 9 anos - 3a. série
Profa. Lúcia E. Conceição

Com um trator Valmet 88 moemos a cana-de-açúcar. O Doque, as professoras e nós, colocamos a cana na prensa de onde safa a garapa em uma bica no balde. Após era coada e colocada no tacho.
Ivan Vergílio Ghisleni - 8 anos.



Marcio Elizeu Cerezer - 8 anos

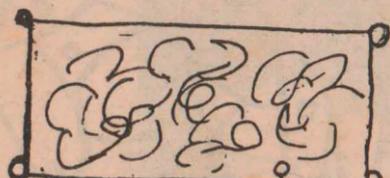
As professoras e nós arrumamos o tacho para colocar a garapa que saía da cana-de-açúcar.
Marcio Elizeu Cerezer - 8 anos.

Os alunos da Escola Municipal de 1º Grau Incompleto Coronel Lima, também fazem seus relatos sobre os trabalhos realizados na Escola Pólo.

Hoje bem cedinhos
A kombi veio buscar
Fomos à Escola Pólo
Para o dia todo estudar.

Brincamos, almoçamos,
trabalhamos
À tardinha, contentes
Para casa voltamos.

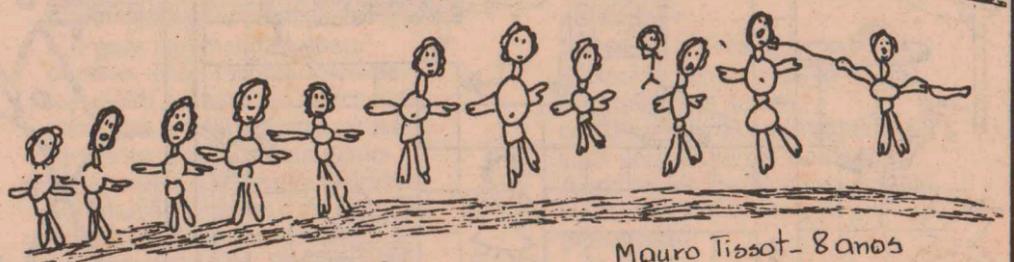
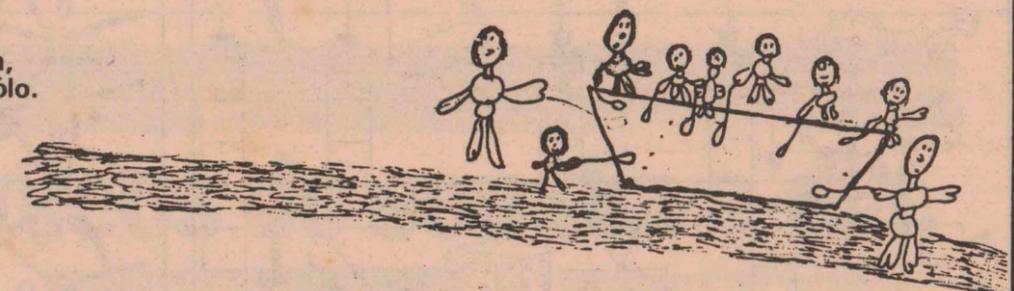
Jaiane Valderli P. Silva - 4a. série - 10 anos
Prof. Madalena Conceição.



Marcio Elizeu Cerezer - 8 anos

As professoras estão tirando a schmier e nós todos olhando como se faz. Os alunos maiores ajudaram a tirar a schmier do tacho.

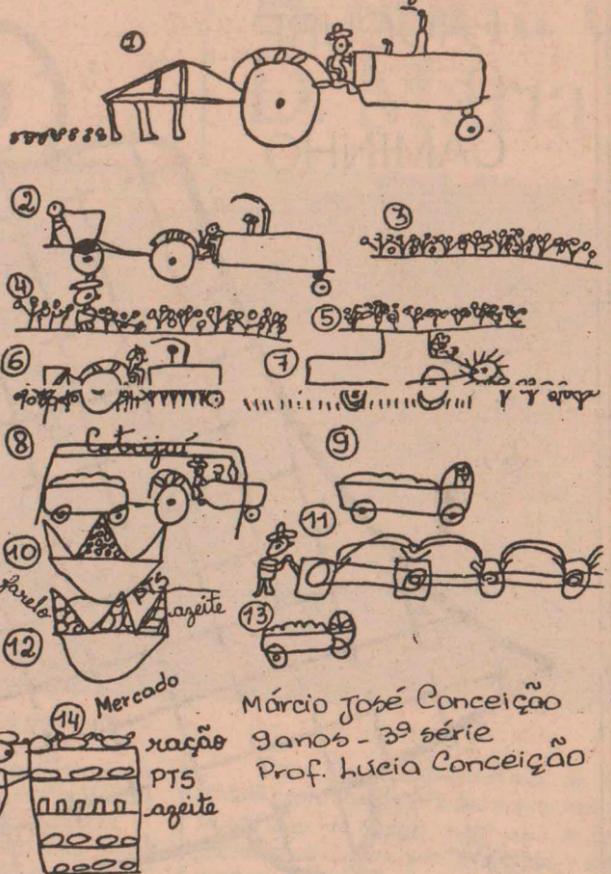
Liziane Denize Cerezer - 9 anos



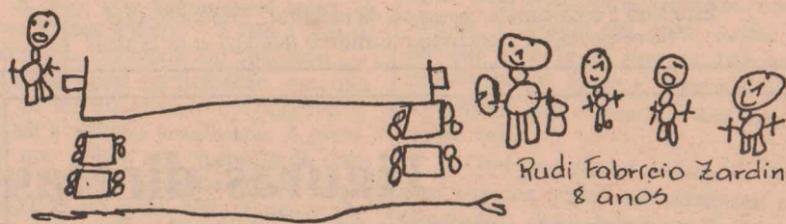
Mauro Tissot - 8 anos

Depois que a schmier estava pronta, nós rapamos o tacho comendo o que ficou. Comemos, também, schmier em um prato. Uma aluna na frente, segurava o prato e nós, com colheres, nos servíamos de um pouco de schmier para sentir o gosto. Estava gostosa! Foi uma festa para nós fazer a schmier!
Mauro Tissot - 8 anos

O destino da roça



Márcio José Conceição
9 anos - 3ª série
Prof. Lúcia Conceição



Rudi Fabrício Zardim
8 anos

Depois de moermos a cana e coar a garapa, a professora Bete nos deu uma jarra e copos. Bebemos bastante garapa. A garapa esta muito gostosa!
Rudi Fabrício Zardim - 8 anos.

Passatempo

PROCURE
O
CAMINHO



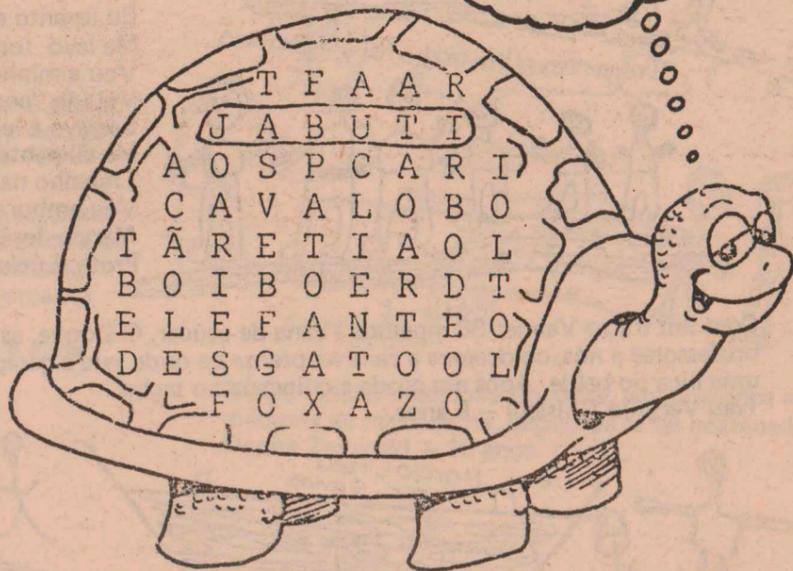
Este sino é o da capela, igreja ou da catedral? Enquanto você pensa na resposta, vá marcando o caminho que liga as duas setas.

CAÇA-PALAVRA

Procure e marque no diagrama de letras todos os nomes da relação abaixo. Um deles já foi encontrado e marcado pra você como exemplo.

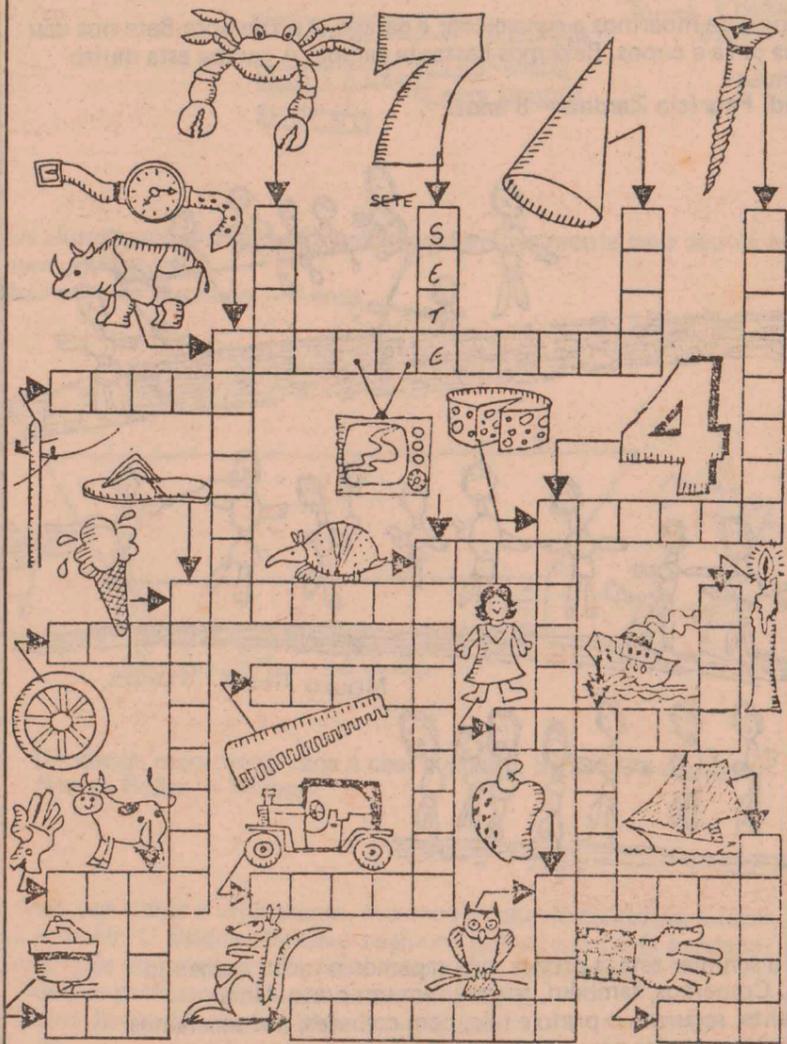
Olhe o Passo do:

- BODE
- BOI
- CÃO
- CAVALO
- ELEFANTE
- GATO
- ~~JABUTI~~
- PATO



Figuras diretas

Escreva o nome de cada figura na direção indicada pela seta. Um nome já está escrito como exemplo.



Que animal é este?

Pinte com lápis marrom todos os espaços marcados com um quadradinho e, com lápis verde, os marcados com uma bolinha.